

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA - CEAD
COORDENAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
Espaço Universitário Integrado - Campus Universitário Petrônio Portela –
Bairro Ininga – Teresina-PI**

FELICIANO DE JESUS COSTA

ADORNO: EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO À LUZ DA INDÚSTRIA CULTURAL

Dissertação a ser apresentada à banca examinadora de qualificação do Mestrado Profissional em Filosofia, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina de Távora Sparano.

TERESINA

2021

FELICIANO DE JESUS COSTA

ADORNO: EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO À LUZ DA INDÚSTRIA CULTURAL

Dissertação a ser apresentada à banca examinadora de qualificação do Mestrado Profissional em Filosofia, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina de Távora Sparano.

TERESINA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e
Letras Serviço de Processos Técnicos

C837a Costa, Feliciano de Jesus.
Adorno : educação e emancipação à luz da indústria cultural /
Feliciano de Jesus Costa. -- 2021.
63 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro
de Ciências Humanas e Letras, Pós-Graduação em Filosofia,
Teresina, 2021.
“Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina de Távora Sparano.”

1. Educação. 2. Emancipação. 3. Indústria cultural. 4. Adorno,
Theodor W., 1903-1969. I. Sparano, Maria Cristina de Távora.
II. Título.

CDD 370.943

FELICIANO DE JESUS COSTA

ADORNO: EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO À LUZ DA INDÚSTRIA CULTURAL

Dissertação apresentada à banca examinadora de qualificação do Mestrado Profissional em Filosofia, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Cristina de Távora Sparano
ORIENTADORA



Prof. Dra. Elnora Gondin Machado Lima
MEMBRO INTERNO



Prof. Dr. Thiago Tendai Chingore
MEMBRO EXTERNO

TERESINA

2021

RESUMO

O presente trabalho está fundamentado na teoria crítica da Escola de Frankfurt, e tem como objetivos apresentar o conceito de indústria cultural e semiformação na visão do filósofo Theodor W. Adorno, e sua interferência direta na emancipação do indivíduo. O problema que chamou atenção, e motivou a pesquisar esse filósofo, foi provocada pela constatação do desempenho na escrita da redação entre os alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Nossa Senhora da Paz, candidatos a uma vaga do Enem em uma universidade pública. Theodor Adorno denuncia em suas obras, os instrumentos de escravização moderna do capitalismo, a manutenção do pensamento dominante, e a manipulação das informações através da indústria cultural, e indica o caminho da educação como instrumento para a obtenção da emancipação e libertação do indivíduo. A obra Dialética do Esclarecimento de Adorno em parceria com Horkheimer, mostra que a barbárie domina o círculo da vida sem que o indivíduo perceba. Em Educação e Emancipação, e Dialética negativa, Adorno manifesta sua crítica mais contundente a indústria cultural, e sua influência sobre a educação. Os Comentadores do iluminismo e da escola de Frankfurt: Olgária Matos, Bruno Pucci, e Jurgen Habermas, este último em sua teoria da ação comunicativa, enriquecem o tema deste trabalho. Para a metodologia, buscamos as obras: pesquisa-ação de Michael Thiollet, Pedagogia da autonomia e pedagogia do oprimido de Paulo Freire. Para elaboração da proposta de intervenção, a obra Filosofia em sala de aula de Lídia Maria Rodrigues contribuiu para dar suporte a elaboração da proposta de Intervenção, fundamentada nas práticas de redação viabilizando melhores resultados no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

PALAVRAS-CHAVE:

Educação. Emancipação. Indústria cultural. Adorno.

ABSTRACT

The present work is based on the Frankfurt School's critical theory, and aims to present the concept of cultural industry and semi-education in the view of the philosopher Theodor W. Adorno, and its direct interference in the emancipation of the individual. The problem that drew attention, and motivated this philosopher to be researched, was caused by the finding of performance in writing the essay among students in the 3rd year of high school at Escola Nossa Senhora da Paz, candidates for an Enem vacancy in a public university . Theodor Adorno denounces, in his works, the instruments of modern enslavement of capitalism, the maintenance of the dominant thought, and the manipulation of information through the cultural industry, and indicates the path of education as an instrument to obtain the individual's emancipation and liberation. Adorno's work *Dialectics of Enlightenment*, in partnership with Horkheimer, shows that barbarism dominates the circle of life without the individual noticing it. In *Education and Emancipation*, and *Negative Dialectics*, Adorno expresses his strongest criticism of the cultural industry and its influence on education. Commentators on the Enlightenment and the Frankfurt School such as: Olgária Matos, Bruno Pucci, and Jurgen Habermas, the latter in his theory of communicative action, enrich the theme of this work. For the methodology, we searched the works: action research by Michael Thiollet, *Pedagogy of autonomy and pedagogy of the oppressed* by Paulo Freire. For the elaboration of the intervention proposal, the work *Philosophy in the Classroom* by Lídia Maria Rodrigues contributed to support the elaboration of the Intervention proposal, based on writing practices, enabling better results in the National High School Exam (ENEM).

KEY WORDS:

Education. Emancipation. Cultural industry. Adornment.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 INDÚSTRIA CULTURAL E ALIENAÇÃO: UMA CRÍTICA FRANKFURTIANA | 9 |
| 2 ADORNO E A REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO COMBATE À BARBARIE | 22 |
| 2.1 Semiformação | 23 |
| 2.2 O que é esclarecimento? | 27 |
| 2.3 Educações depois de Auschwitz | 29 |
| 2.4 A educação e a semiformação | 32 |
| 3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DAS REFLEXÕES DE ADORNO SOBRE A CULTURA E A EDUCAÇÃO | 34 |
| 3.1 Objetivo | 37 |
| 3.2 O problema de pesquisa | 37 |
| 3.3 Os sujeitos da pesquisa | 37 |
| 3.4 Metodologia | 38 |
| 3.5 A realização de seminários | 39 |
| 4 HIPÓTESES PARA UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO FILOSÓFICA | 40 |
| 4.1 Porque a Filosofia não tem manual? | 40 |
| 4.2 Preparação do material didático como iniciação à docência | 41 |
| 4.3 Propostas metodológica e local de intervenção | 42 |
| 4.4 Procedimentos de ensino, o passo a passo para uma aula expositiva, ou os caminhos da emancipação. | 44 |
| 4.5 Leituras de textos filosóficos | 44 |
| 4.6 Pesquisas bibliográficas | 46 |
| 4.6.1 Como redigir um bom texto filosófico | 46 |
| 4.6.2 Textos filosóficos - exemplos | 50 |
| 4.6.3 - Sobre os acontecimentos de Berlin (T.W. Adorno) | 51 |
| Sobre a absolvição do sargento Kurras (Theodor W. Adorno) | 53 |
| TEXTO 3 | 54 |
| 5 OFICINAS | 59 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 60 |
| REFERÊNCIAS | 62 |

INTRODUÇÃO

A teoria crítica da Escola de Frankfurt, fundamentada na teoria Marxista, foram desenvolvidas inicialmente na década de 1930 pelos pensadores ligados ao Instituto de Pesquisa Social, Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Erich Fromm, e outros pensadores que participaram do círculo frankfurtiano. Essa teoria, seguindo de perto a concepção de filosofia de Marx, tinha objetivos práticos: visava a emancipação dos indivíduos e a crítica ao sistema capitalista.

Tais objetivos conduziram esses pensadores a observar vários setores da sociedade, e nem mesmo a cultura produzida no âmbito da sociedade capitalista escapou da análise e da crítica dos filósofos de Frankfurt. Uma vez que esses pensadores entendiam que a análise da sociedade deveria ir além da mera descrição passiva, se dedicaram a desenvolver reflexões que levassem a emancipação dessa sociedade.

Theodor Adorno, alemão de origem judaica e membro da escola de Frankfurt, fundada em 1923, fugindo das perseguições nazistas com outras centenas de judeus, emigraram para os Estados Unidos e juntou-se ao seu contemporâneo, Max Horkheimer (1895-1973), com quem partilhou a obra "Dialética do Iluminismo", publicada em 1947. Essa publicação visava esclarecer um fenômeno característico do sistema capitalista presente nas sociedades industriais do século XIX. Um mercado consumidor de bens culturais, impulsionado pela indústria de comunicação de massa destinada à divulgação de serviços e produtos de comunicações: músicas, programas de rádio, novelas de TV, filmes, entretenimentos de forma geral. Com o fim da Segunda Guerra, Adorno voltou à Alemanha, dedicando-se ao estudo do pensamento filosófico e sociológico Marxista.

Em "Dialética do Esclarecimento", os autores fazem um dos primeiros e mais radicais ataques ao conceito de "indústria cultural" e ao capitalismo cultural que, pelo domínio da mídia, confere a todas as manifestações da cultura sintomas de semelhança e massificação, responsabilizando-a por prejudicar a autonomia do indivíduo, explicitando a impossibilidade de emancipar toda a sociedade.

Os pensadores da escola de Frankfurt trataram de vários temas, compreendendo desde os processos civilizadores modernos, ao destino do ser

humano na era da técnica, da literatura e da política. Dentre esses temas e de forma original, Adorno e Horkheimer descortinaram a crescente importância dos fenômenos de mídia e da cultura de mercado na formação do modo de vida contemporâneo. A principal tarefa a que se dedicaram os membros da escola de Frankfurt consistiu em recriar suas ideias, de um modo que fosse capaz de esclarecer as novas realidades surgidas com o desenvolvimento do capitalismo no século XX.

O objetivo desta dissertação do Mestrado Profissional em Filosofia é articular as ideias do filósofo Theodor Adorno sobre a Educação e Autonomia. A relevância do tema é observada no desempenho intelectual dos alunos da escola, no incentivo às produções literárias motivadas pela academia literária juvenil da escola, a qual publicou várias obras de alunos acadêmicos, e, sobretudo, na aprovação desses alunos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para terem acesso ao nível superior.

Em anos recentes, os expressivos números de reprovações nos exames vestibulares do ENEM na prova de redação impressionaram os alunos. Em 2019, mais de 143 mil participantes zeraram a prova; em 2020 foram 87 mil, e apenas 28 alunos obtiveram a nota máxima.¹ Os principais motivos apontados foram: deficiência no poder de argumentação, na habilidade de reflexão e organização de ideias (coerência, clareza, objetividade e adequação do tema ao gênero proposto), e falta de treino na habilidade do gênero redação.

Investigando o ensino de filosofia, e os diversos textos e temas desenvolvidas nas provas de redação de alunos que obtiveram nota máxima no certame, selecionamos alguns textos de Theodor Adorno, que podem ser aplicados como treinamento e desenvolvimento do hábito da escrita com o rigor da metodologia de Thiollet, nas aulas de preparação para o Enem.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos: no primeiro, intitulado Indústria cultural e alienação: uma crítica frankfurtiana, aborda-se os conceitos de iluminismo, movimento intelectual de libertação do pensamento da indústria cultural, o modo de produção e divulgação de produções da cultura e emancipação como capacidade de autodeterminar-se. O segundo capítulo, nomeado de Adorno e a reflexão sobre o papel da educação no combate à barbárie, o enfoque recai sobre a

¹ Dados do instituto nacional de estudos e pesquisa educacionais Anísio Teixeira, vinculado ao ministério da educação, MEC.

direção que tomou a educação no progresso cultural; o questionamento dos objetivos da educação, em educação para quê? A semiformação, tema da maior importância quando se fala em formação para a vida e para a emancipação.

O terceiro capítulo, intitulado Proposta de intervenção a partir das reflexões de Adorno sobre a cultura e a educação, explicita a Intervenção pedagógica e filosófica realizada na execução desta pesquisa. Para isso, foram selecionados textos de Adorno, para aplicação aos alunos do terceiro ano do ensino médio da escola, Nossa Senhora da Paz, nas aulas de revisão de temas filosóficos direcionadas para as provas do ENEM. Nas oficinas, foram propostos exercícios de redação e de análise de textos filosóficos.

1 INDÚSTRIA CULTURAL E ALIENAÇÃO: UMA CRÍTICA FRANKFURTIANA

A cultura também se tornou uma mercadoria no âmbito da sociedade capitalista, pautada na ideologia do consumo. Tudo deve ser consumido imediatamente. E na medida em que se desenvolve o espírito do consumismo na sociedade, ocorre o distanciamento dos indivíduos do espírito crítico e do uso crítico da razão.

O consumismo é o que mantém o capitalismo ativo, uma vez que seu objetivo é o lucro. No caso da cultura, quando assimilada por esse sistema, há uma finalidade determinada pela própria estrutura capitalista: alienar. A alienação por meio da cultura ocorre por meio da tentativa de homogeneizar os gostos, padrões e valores da sociedade.

A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 151).

Isso tem se tornado mais evidente no século XXI: os realities shows, os talks shows etc. Tudo agora tem um alcance global e se torna uma tendência mundial. E esse alcance é de tal modo, que às vezes torna-se difícil ser indiferente a ele, sendo que somos bombardeados a todo instante pela publicidade intensiva que está presente não somente nos outdoors nas ruas, bem como presente na televisão e na internet. Desse modo, há todo um sistema que impõe e controla o que deve ser consumido e por quanto tempo.

E ao ditar as tendências, o capitalismo também impõe o único caminho para fazer parte da moda, a saber, consumir. Os ídolos dos jovens e da maior parte da

população são garotos propaganda de marcas para os quais se encontram produtos similares de outras marcas (até isso já foi calculado na equação capitalista de dominação ideológica).

A dependência em que se encontra a mais poderosa sociedade radiofônica em face da indústria elétrica, ou a do cinema relativamente aos bancos, caracteriza a esfera inteira, cujos setores individuais por sua vez se interpenetram numa confusa trama econômica. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 124).

As próprias produções televisivas ou do cinema precisam divulgar os patrocinadores e muitas vezes o objetivo dessas produções é simplesmente promover determinado produto. E o imperativo sempre presente é “compre!”.

A fusão atual da cultura e do entretenimento não se realiza apenas como depravação da cultura, mas igualmente como espiritualização forçada da diversão. Ela já está presente no fato de que só temos acesso a ela em suas reproduções, como cine fotografia ou emissão radiofônica. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 134).

Essa cultura que tem seu advento no século XX, não passou despercebida das críticas de pensadores de renome como Adorno e Horkheimer. Seja a cultura de massa ou a indústria cultural, o alvo é sempre o mesmo, como é a mesma a denúncia a que é feita por aqueles que não se deixam seduzir pela ideologia da indústria cultural que está a serviço do capitalismo.

No século XX havia o cinema e a televisão (hoje, além deles, há as redes sociais). As grandes produções de Hollywood eram consumidas por um público passivo que se deleitava com as cenas que se seguiam uma após a outra na tela do cinema ou na televisão na sala de suas próprias casas.

Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme. Desde a súbita introdução do filme sonoro, a reprodução mecânica pôs-se ao inteiro serviço desse projeto. A vida não deve mais, tendencialmente, deixar-se distinguir do filme sonoro. Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 59).

Há desse modo, um processo de alienação em curso que é pensado em seus mínimos detalhes para cumprir o propósito para qual foi criado, a saber, a dominação das massas pelas elites.

O texto *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, foi publicado por Adorno e Horkheimer no ano de 1947, ou seja, há setenta e quatro anos. A crítica dos filósofos de Frankfurt se dirigia ao tipo de produção cultural associado diretamente ao modo de produção da sociedade capitalista.

Essa distância temporal em relação ao tempo em que vivemos, pode dar a falsa impressão de que tal crítica perdeu sua força, uma vez que as transformações que a sociedade sofreu em quase oito décadas é perceptível. As inovações tecnológicas, o advento da rede mundial de computadores etc., tiveram um impacto perceptível nos vários âmbitos da sociedade.

A sociedade da década de 1947 era uma sociedade do pós-guerra, que estava se restabelecendo dos horrores da II Guerra Mundial. Em muitos países havia miséria, os efeitos da guerra ainda eram visíveis em vários lugares e lembrados em monumentos que celebravam suas vítimas.

Nações sucumbiram e nações se fortaleceram. Os Estados Unidos se encontram no segundo grupo. O país soube tirar proveitos tanto econômicos como intelectuais do período de guerra. No segundo caso, o país abrigou muitos intelectuais que devido a sua origem judia, não puderam permanecer em países como Áustria e Alemanha, devido a ascensão do nazismo.

Em solo americano, filósofos como Adorno e Horkheimer tiveram contato direto com a sociedade capitalista modelo. Uma sociedade marcada pelo consumismo e por uma nova forma de dominação, que tinha como veículo uma cultura que já não poderia ser chamada de cultura de massa, mas cultura para a massa. O termo cultura de massa não poderia mais ser empregado, na medida em que a cultura já não era produzida pelas massas, mas era produzida para aliená-la, ou seja, era um produto criado para ser consumido pelas massas.

A adoção da nomenclatura de Indústria Cultural veio substituir o de cultura de massa que causava ambiguidade, como se está expressão fizesse menção à cultura proveniente da massa "povo". Este fato aconteceu com a publicação nos idos de 1940 do livro intitulado "Dialética do esclarecimento". Esta obra teve a contribuição extraordinária de Max Horkheimer, outro ícone da Escola de Frankfurt. (NAVARRO, 2018, p. 48).

Além disso, os autores destacam que a [...] “crença de que a barbárie da indústria cultural é uma consequência do cultural lag, do atraso da consciência norte-americana relativamente ao desenvolvimento da técnica, é profundamente ilusória”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113).

O termo cultura de massa será substituído por Adorno e Horkheimer, pelo termo indústria cultural. Essa cultura produzida aos moldes da produção industrial se efetiva e se torna eficaz exatamente por essa dinâmica de produção. Nas palavras de Adorno:

Tudo indica que o termo indústria cultural foi empregado pela primeira vez no livro *Dialektik der Aufklärung*, que Horkheimer e eu publicamos em 1947, em Amsterdã. Em nossos esboços tratava-se do problema da cultura de massa. Abandonamos essa última expressão para substituí-la por “indústria cultural”, a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; estes, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular. Ora, dessa arte a indústria cultural se distingue radicalmente. (ADORNO, 1978, p. 286).

O termo “indústria cultural” será empregado para se referir a um modo de produção cultural que, diferente da cultura de massa, é imposto a essa massa e não criado por ela. Os produtos culturais têm produção em escala industrial. O cinema é um dos lugares onde tal cultura é produzida.

Embora as origens do cinema tenham raízes mesmo antes do século XX (se levarmos em conta as primeiras projeções no mundo), é na metade do século passado que ele alcançará seu auge, se tornando o que conhecemos hoje por esta denominação.

Adorno e Horkheimer (1995) afirmavam que a máquina capitalista de reprodução e distribuição da cultura estaria apagando aos poucos tanto a arte erudita quanto a arte popular. Isso estaria acontecendo porque o valor crítico dessas duas formas artísticas é neutralizado por não permitir a participação intelectual dos seus espectadores.

Ela encorajaria uma visão passiva e acrítica do mundo, ao dar ao público apenas o que ele quer, desencorajando o esforço pessoal pela posse de uma nova experiência estética. As pessoas procurariam apenas o conhecido, o já experimentado. Por outro lado, essa indústria prejudicaria também a arte séria, neutralizando sua crítica à sociedade.

A intenção da indústria cultural não é promover um conhecimento, porque conhecer levanta questionamentos, rompe paradigmas e necessita de novas respostas. “Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. A arte sem sonho destinada ao povo realiza aquele idealismo sonhador que ia longe demais para o idealismo crítico”. (ADORNO; HORKHEIMER).

Esse sistema incorpora nos participantes uma nova necessidade: a “necessidade do consumo”, geradora de mercadorias próprias para a venda e ganho do capital, visto que desta forma será possível representar e incentivar o produto, ao invés do conhecimento que, por sua vez, torna-se produto da elite.

Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista. Excluído da atividade industrial, ele terá sua insuficiência facilmente comprovada. Atualmente em fase de desagregação na esfera da produção material, o mecanismo da oferta e da procura continua atuante na superestrutura como mecanismo de controle em favor dos dominantes. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110).

É sobre esses aspectos que Adorno e Horkheimer (1995) questionam quando se trata de indústria cultural, sobre a forma pela qual as artes e o conhecimento humano são tratados e se tornaram de fácil manipulação.

A indústria cultural e a comunicação de massa não podem ser tratadas como coisas distintas, pois ambas são capazes de atingir muitos indivíduos, de transmitir um conhecimento, de entreter ou de alienar. São pertencentes à indústria do entretenimento, toda e qualquer fonte de informação que são utilizadas com o real objetivo de manipular a população, impedindo a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente.

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento –, mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114).

O domínio da razão humana, que no Iluminismo era como uma doutrina, passou a dar lugar para o domínio da razão técnica. Os valores humanos haviam sido deixados de lado, em troca do interesse econômico.

O que passou a reger a sociedade foi a lei do mercado, e, com isso, quem conseguisse acompanhar esse ritmo e essa ideologia de vida, talvez conseguisse

sobreviver; já aquele que não conseguisse acompanhar esse ritmo e essa ideologia de vida, ficava à mercê dos dias e do tempo, isto é, seria jogado à margem da sociedade organizada. Então, nessa corrida pelo ter, nasce o individualismo, que segundo Adorno (2006), é o fruto da Indústria Cultural, por meio da qual tudo se torna negócio.

Enquanto negócios, seus fins comerciais são realizados por meio de sistemática e programada exploração de bens considerados culturais. Um exemplo disso, segundo Adorno (2006) é o cinema. Enquanto indústria cultural, apresenta-se também como forma de mídia moderna, faz parte do complexo de comunicação e da cultura de massa, apresenta a realidade com forma de arte coletiva, sem esconder seus fins comerciais no rádio, na televisão, e out dors espalhados pelas ruas.

A televisão visa uma síntese do rádio e do cinema, que é retardada enquanto os interessados não se põem de acordo, mas cujas possibilidades ilimitadas prometem aumentar o empobrecimento dos materiais estéticos a tal ponto que a identidade mal disfarçada dos produtos da indústria cultural pode vir a triunfar abertamente já amanhã – numa realização escarninha do sonho wagneriano da obra de arte total. (ADORNO; HOKHEIMER, 1985, p. 116).

Pode-se dizer que a Indústria Cultural traz consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno, e nele exerce um papel específico, qual seja o de portador da ideologia dominante, que outorga sentido a todo o sistema. Por isso, é importante salientar que para Adorno (2006): o homem, nessa Indústria Cultural, não passa de objeto, e instrumento de trabalho e de consumo. O homem é tão bem manipulado e ideologizado que até mesmo o seu lazer se torna uma extensão do trabalho.

A Indústria Cultural, que tem como guia a racionalidade técnica esclarecida, prepara as mentes para um esquematismo que é oferecido pela indústria da cultura – que aparece para os seus usuários como um “conselho de quem entende”. O consumidor não precisa se dar ao trabalho de pensar. Esquemas prontos, que podem ser empregados indiscriminadamente, só tendo como única condição a aplicação ao fim a que se destinam.

Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa à fantasia e ao pensamento dos expectadores nenhuma dimensão na qual esse possa, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra filmica permanecendo livre do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. No entanto,

algumas produções filmicas fogem esse padrão determinado pela indústria culturais. É quando a arte imita a realidade e o filme deixa de ser apenas entretenimento.

A unidade implacável da indústria cultural atesta a unidade em formação da política. As distinções enfáticas que se fazem entre os filmes das categorias A e B, ou entre as histórias publicadas em revistas de diferentes preços, têm menos a ver com seu conteúdo do que com sua utilidade para a classificação, organização e computação estatística dos consumidores. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 116).

Atualmente, o controle exercido sobre o gosto das massas, que determina o que deve ser consumido - e como deve ser consumido - e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos (...) paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva.

Muito embora o planejamento do mecanismo pelos organizadores dos dados, isto é, pela indústria cultural, seja imposta a esta pelo peso da sociedade que permanece irracional apesar de toda racionalização, essa tendência fatal é transformada em sua passagem pelas agências do capital do modo a aparecer como o sábio desígnio dessas agências. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 117).

A grande intenção da Indústria Cultural: obscurecer a percepção de todas as pessoas, principalmente daquelas que são formadoras de opinião. Ela é a própria ideologia, por isso os valores passam a ser regidos por ela. Até mesmo a felicidade do indivíduo é influenciada e condicionada por uma cultura para o consumismo, que funciona como um aparente supressor da solidão.

É importante salientar que a grande força da Indústria Cultural se verifica em proporcionar ao homem necessidades, mas não aquelas necessidades básicas para se viver dignamente (casa, comida, lazer, educação, e assim por diante) e, sim, as necessidades do sistema (consumir incessantemente).

Com isso, o consumidor viverá sempre insatisfeito, querendo, constantemente comprar, e o campo de consumo se torna cada vez maior. “Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113).

A padronização é uma das características marcantes da indústria cultural, [...] “a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social”.

(ADORNO; HORKHEIMER, 1985, 114). Essa padronização é fundamental no processo de alienação das massas, que se tornaram consumidores, meros espectadores de produtos culturais que já vem com especificações de como deve ser consumido.

Aliás, o próprio modo de vida da sociedade foi transformado aos moldes do capitalismo. [...] “os projetos de urbanização que, em pequenos apartamentos higiênicos, destinam-se a perpetuar o indivíduo como se ele fosse independente, submete-o ainda mais profundamente a seu adversário, o poder absoluto do capital.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, 113). As grandes cidades são centros de perpetuação do poder do capital na vida dos cidadãos. A dinâmica do capitalismo impõe o consumismo como forma e meta de vida. Há uma demanda de produtos que devem ser consumidos, pois se prega que estes sejam indispensáveis para a vida.

O conforto almejado pelas pessoas tem um preço que dificilmente é percebido. Uma casa ou um apartamento seguem basicamente o mesmo padrão: há internet, há smart TV, cada membro da casa tem seu smartphone. Obviamente que Adorno e Horkheimer não estavam se referindo a isso em sua crítica, pois eles estavam olhando para a sociedade da metade do século XX. Mas a crítica desses autores àquela sociedade se aplica perfeitamente a nossa sociedade e talvez faça mais sentido ainda quando estendida a ela.

Os avanços tecnológicos permitiram um tipo de dominação nunca vista antes, pois ela ocorre em escala global. “O Grande Irmão está de olho em você” é o slogan do partido que domina a sociedade na distopia escrita por George Orwell.

Fora, mesmo visto através da vidraça fechada, o mundo parecia frio. Lá embaixo, na rua, pequenos rodamoinhos de vento formavam espirais de poeira e papel picado e, embora o sol brilhasse e o céu fosse de um azul áspero, a impressão que se tinha era de que não havia cor em coisa alguma a não ser nos pôsteres colados por toda parte. Não havia lugar de destaque que não ostentasse aquele rosto de bigode negro a olhar para baixo. Na fachada da casa logo do outro lado da rua, via-se um deles. O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia o letreiro, enquanto os olhos escuros pareciam perfurar os de Winston. Embaixo, no nível da rua, outro pôster, esse com um dos cantos rasgado, adejava operosamente ao vento, ora encobrendo, ora expondo uma palavra solitária: Socing. Ao longe, um helicóptero, voando baixo sobre os telhados, pairou um instante como uma libélula e voltou a afastar-se a grande velocidade, fazendo uma curva. Era a patrulha policial, bisbilhotando pelas janelas das pessoas. As patrulhas, contudo, não eram um problema.

O único problema era a Polícia das Ideias. (GEORGE ORWELL, 2009, p. 12).

No século XXI não é só o Grande Irmão que vê tudo, todos veem todos, as redes sociais são janelas que estão constantemente abertas para qualquer um que queira observar a vida do dono do perfil – apesar da possibilidade de perfis privados, o objetivo é expor a própria vida, o próprio cotidiano. “GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCE”.

Isso remete a outra distopia escrita por Zamiatin.

Assim, entre nossas paredes transparentes, como se fossem tecidas de ar brilhante, vivemos sempre em plena vista, eternamente banhados pela luz. Não temos nada a esconder uns dos outros. Além do mais, isso alivia a pesada e elevada tarefa dos Guardiões. De outro modo, quem sabe o que poderia acontecer? É possível que tenham sido exatamente as moradas estranhas e não transparentes dos antigos que engendraram essa sua lamentável psicologia celular: “Minha (sic!) casa é minha fortaleza”. Era realmente necessário pensar melhor nisso. (ZAMIÁTIN, 2017, p. 39).

O fato é que, muito além da ficção, a realidade tem seus traços distópicos. É graças a indústria cultural, que cria as ilusões, que são impostas como necessidades, que devem ser supridas a qualquer custo. “A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.100).

Esse modelo de cultura é pensado nos seus mínimos detalhes para que tudo ocorra com um propósito determinado. A crítica de Adorno e Horkheimer ao que eles chamaram de indústria cultural, é denunciado pelo alcance do capitalismo no contexto da sociedade ocidental.

Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu level c, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, 116).

A vitória da racionalidade técnica no mundo ocidental é, diferente, do que aparenta, um êxito do capitalismo, pois a [...] “racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 141). Dominação que se perpetua por vias não violentas, pelo contrário, se realiza pela via

ideológica que é sedimentada pela indústria cultural. “O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114).

É do campo da lógica capitalista que a indústria cultural retira suas regras. Suas produções culturais são antes de tudo uma vitrine para tendências e marcas, que se conjugam para fazer do entretenimento uma das mercadorias mais rentáveis na sociedade.

Os filósofos alemães chamam a atenção para o fato de que os [...] “interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114).

A hierarquia de marcas de produtos é ilusória, e serve unicamente para se criar a falsa impressão de que se está fazendo uma escolha adequada, quando, no fim das contas, o produto já havia sido escolhido para o indivíduo. “O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 116).

A diferença entre a série Chrysler e a série General Motors é no fundo uma distinção ilusória, como já sabe toda criança interessada em modelos de automóveis. As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha. O mesmo se passa com as produções da Warner Brothers e da Metro Goldwyn Mayer. Até mesmo as diferenças entre os modelos mais caros e mais baratos da mesma firma se reduzem cada vez mais: nos automóveis, elas se reduzem ao número de cilindros, capacidade, novidade dos gadgets d, nos filmes ao número de estrelas, à exuberância da técnica, do trabalho e do equipamento, e ao emprego de fórmulas psicológicas mais recentes. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 116).

Os autores dão uma ênfase significativa ao papel que o cinema desempenha no contexto da indústria cultural. E hoje em dia o cinema tem a companhia da televisão, dos streamings, do Youtube. Os modos de veiculação das produções cinematográficas de Hollywood se estendem de maneira global pelos meios de comunicação disponíveis, e que não são poucos. Uma franquia como Os Vingadores, por exemplo, que tem como uma de suas figuras centrais o personagem

Capitão América (representante do patriotismo americano e retratado como um soldado disciplinado e quase invencível) é mais popular do que produções que levam o espectador a refletir sobre a realidade. Isso mostra que o cinema ainda continua a ter o mesmo papel denunciado por Adorno e Horkheimer.

Há outros sintomas perceptíveis do papel exercido pela indústria cultural na sociedade, como por exemplo:

A passagem do telefone ao rádio separou claramente os papéis. Liberal, o telefone permitia que os participantes ainda desempenhassem o papel do sujeito. Democrático, o rádio transforma-os a todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114).

A ascensão das estações de rádio no século XX permitiu a indústria cultural impor novos gostos musicais aos ouvintes, uma vez que a execução exaustiva de determinadas músicas de qualidade questionáveis mantinha as pessoas anestesiadas e indiferentes ao processo de alienação ao qual estavam sendo submetidas.

No Brasil, tal fato era (e ainda é) perceptível². No século passado houve a ascensão de ritmos como o axé e o funk, sendo acompanhados, posteriormente, por variantes do sertanejo. As mensagens persentes nas letras das músicas que estavam no topo das paradas de sucesso do país (e hoje não é diferente), além do caráter explicitamente machista e sexista, eram o modelo do tipo de produção cultural alienante que germinaram no âmbito da indústria cultural. “Não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 117).

E não poderia ser de outro modo, pois:

Os talentos já pertencem à indústria muito antes de serem apresentados por ela: de outro modo não se integrariam tão fervorosamente. A atitude do público que, pretensamente e de fato, favorece o sistema da indústria cultural é uma parte do sistema, não sua desculpa. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 115).

Cada atração que é apresentada nos programas da TV foi colocada lá com o intuito de manter o público passivo. As horas perdidas diante do aparelho são um

² Há exceções no âmbito das produções culturais nacionais (e mesmo internacionais). O que se está a destacar são as produções que poderiam ser ditas do *mainstream*. Casos como o filme Bacurau mostram que é possível ter produções culturais que possam levar a emancipação da sociedade. Que podem contribuir para a reflexão.

dos motores da engrenagem do capitalismo, pois é preciso que as pessoas sintam a necessidade de comprar produtos que, na maioria das vezes, não são necessários para sua vida.

É interessante pensar como Adorno e Horkheimer analisariam a sociedade atual, que está ainda mais imersa no processo de alienação, uma vez que há os realities shows que podem ser acompanhados 24h por dia, como se fosse algo sagrado.

Os BBBs se tornam celebridades instantâneas e ditam tendências, comportamentos, influenciam a moda. São os arautos do que há de mais antagônico para a racionalidade crítica. Diante desse espetáculo de alienação:

São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119).

É desse modo que a indústria cultural mostra o quão é eficiente quanto ao seu objetivo. Não é à toa que as produções cinematográficas de Hollywood movimentem tanto dinheiro. E em muitos casos, os filmes mais bem-sucedidos em termos de bilheteria, são os filmes que nada acrescentam do ponto de vista intelectual e crítico.

Os filmes de heróis são um exemplo. Com uma mensagem motivacional tirada do mais medíocre dos manuais de psicologia, o protagonista supera todas as dificuldades por sua persistência e determinação, mesmo quando as probabilidades de sucesso são ínfimas e ainda assim, tais filmes se tornam populares, apesar de ser algo previsível desde o início.

Desde o começo do filme já se sabe como ele termina, quem é recompensado, e, ao escutar a música ligeira, o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto. (ADORNO; HORKHEIMER, 19866, p. 118).

Convém ressaltar que esse efeito um exemplo do poder que a indústria cultural tem sobre as pessoas. O processo de alienação é tal que essa identidade que se cria com os personagens do filme garante o consumo compulsivo de produtos que tenham tais personagens estampados.

Adorno e Horkheimer perceberam e compreenderam essa lógica da indústria cultura, quando afirmaram que não há diferença entre produtos de marcas distintas.

Nesse caso, a única diferença entre um caderno com a foto de uma paisagem e um caderno com a foto de um personagem de um filme de Hollywood é o valor que os consumidores dão ao fato de ter um produto com a foto de seu personagem favorito.

Assim:

O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção quotidiana, tornou-se a norma da produção. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 118).

E assim, o capital se movimenta e qualquer tentativa de fugir de suas garras é reprimida sem violência, mas de um modo mais eficaz. As falsas necessidades que os indivíduos são levados a acreditar que possuem, mantem esses indivíduos distantes de qualquer possibilidade de reação à dominação do capitalismo.

Tudo isso pode ser resumido na seguinte passagem do texto dos autores, em que citam Tocqueville. É impressionante como a citação do autor francês parece se dirigir à nossa sociedade, pois é assim que o processo de dominação e alienação acontecem. A passagem é a seguinte:

A análise feita há cem anos por Tocqueville verificou-se integralmente nesse meio tempo. Sob o monopólio privado da cultura “a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: você é livre de não pensar como eu: sua vida, seus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 125).

Esse é um resumo perfeito da denúncia que Adorno e Horkheimer fazem da indústria cultural. Há a falsa sensação de liberdade de escolha e exatamente por isso há a passividade em aceitar tudo o que a indústria cultural lança sobre a cabeça dos indivíduos.

O objetivo desse agente da sociedade capitalista governada pelas elites é escravizar a alma e não mais o corpo dos indivíduos, pois tendo em mãos o primeiro, necessariamente se tem controle sobre o segundo, sem necessidade de se recorrer à violência física. “Eis aí o triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem”. (ADORNO; HORKHEIMER). É com essa frase que os autores concluem o seu texto.

2 ADORNO E A REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO COMBATE À BARBARIE

Nos textos reunidos na obra “Educação e Emancipação” (1995), tem origem em um debate ocorrido entre Adorno e Helmut Berger, então ministro da educação da Alemanha. O debate gira em torno de questões sobre a educação, principalmente a educação no pós-guerra na Alemanha.

Um das questões discutidas nesse debate foi “educação – para quê?”. Adorno justifica o tema, afirmando que: “Quando sugeri que nós conversássemos sobre: “Formação – para quê?” ou “Educação – para quê?”, a intenção não era discutir para que fins a educação ainda seria necessária, mas sim: *para onde a educação deve conduzir?*” (ADORNO, 1995, p. 139).

Os debatedores traçam um percurso histórico sobre a questão da educação. Na Grécia antiga, a Paidéia estava comprometida com a formação da aristocracia. Portanto, para o exercício da cidadania restrita, excluía mulheres e escravos. A formação do cidadão grego era garantia da autonomia. Na Idade Média, a educação voltava-se para o domínio das sagradas escrituras, da filosofia e da teologia. O domínio social era condicionado à autoridade da Igreja Católica, divulgando ideias de pecado, castigo divino e reparação.

Desse modo, em resposta à pergunta “Educação para quê?”, Adorno responde: Para emancipar, para a tomada de consciência sobre os descaminhos da razão, que se daria por intermédio do esclarecimento, que o homem possa construir possibilidades de autonomia e emancipação.

A concepção inicial de educação proposta por Adorno é apresentada nos seguintes termos:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de *educação*. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. (ADORNO, 1995, p. 141-142).

Como é possível perceber, a proposta de Adorno visa à emancipação dos indivíduos. Para Adorno, a educação se desviou de sua direção, em virtude da

busca incessante por sua utilidade, por meio de propostas pedagógicas milagrosas que apenas abrandassem as exigências da educação e dos educandos.

Na modernidade, com a renascença, o homem marca nova posição frente a Deus e à natureza. O florescimento e a ascensão de uma nova classe social, a burguesia, e o racionalismo cartesiano, possibilitaram a formação do indivíduo ainda criança, a fim de prover as necessidades da sociedade industrial florescente (a revolução industrial), guiada pela percepção das transformações econômicas e, principalmente, das mudanças nos hábitos e nas relações de trabalho.

A formação padronizada oferecia conhecimentos a todos, para atender às demandas do mercado. Por essa via, a educação responde a esta motivação: atender ao mercado de trabalho do sistema produtivo. Entretanto, a educação propriamente concebida, é aquela direcionada ao esclarecimento.

Adorno era um crítico da “cultura de massas”. É relevante destacar que os meios de comunicação acabaram por fortalecer essa “massificação”: “É preciso atentar ao impacto dos modernos meios de comunicação de massa sobre um estado de consciência que ainda não atingiu o nível do liberalismo cultural burguês do século XIX.” (ADORNO, 1995, p. 126).

2.1 Semiformação

A proposta pedagógica de Adorno visa à formação para o enfrentamento da semiformação (*Halbbildung*), em que a autoconsciência humana é dominada pela comercialização e banalização dos bens culturais, o fenômeno da semiformação e, a determinação social da formação na sociedade contemporânea capitalista, que direciona os destinos da economia, da comercialização e do lucro.

Para entender o pensamento de Adorno em relação à Educação, é importante compreender as críticas que ele faz à indústria cultural, vista como a responsável por prejudicar a capacidade humana de agir com autonomia. Nessa acepção está a chave para entender a crítica de Adorno à escola. Para esse autor, a crise da Educação é, na verdade, é consequência da crise da formação cultural da sociedade capitalista como um todo.

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe

precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela. (ADORNO, 1995, p. 143-144).

Na concepção Adorniana, a educação não busca a emancipação quando se verifica o afastamento do seu objetivo do domínio pleno do conhecimento humano. Por esse prisma, as críticas recaem na escola, por tratar o ensino como mercadoria, e instrumento da indústria cultural, que trata o ensino como uma pedagogia da "semiformação". Essa perda dos valores, segundo o autor, anula o desenvolvimento da autorreflexão e da autonomia humana. Adorno critica a escola de massa por ela, segundo ele, instalar e cultuar a massificação do consumo

Para Adorno a educação fomentada pela indústria cultural é mais um entre os mecanismos de dominação sobre as massas, privando-a do direito de desenvolver uma consciência autônoma e espontânea.

[...] nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isso ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. (ADORNO, 2006, p. 181-182).

Esse modelo de formação também presente no conteúdo da escola tem influência direta na semiformação dos indivíduos tendo em vista que os condiciona de forma sutil e eficaz a sujeição ao sistema. Através dessa configuração a educação também se transforma ao lado dos bens culturais numa promotora da semicultura.

A semiformação na visão de Adorno acaba por impedir a prática de uma educação emancipatória em sentido amplo tanto no que confere a escola quanto no tocante ao autodesenvolvimento adquirido pela própria vivência dos sujeitos, ela conduz a uma superficialidade constante que neutraliza a ação crítica de transformadora necessárias em face aos problemas sociais da sociedade pós moderna.

A semiformação (*Halbbildung*) é a própria barbárie, nesse sentido, como pensar a sociedade contemporânea sem considerar os elementos de barbárie existentes em nossa civilização? É importante ressaltar que somente a educação teria a capacidade de afastar o indivíduo do selvagerismo. Para Adorno (2006), esse fato seria solucionado não apenas na educação escolar, mas, sobretudo, na educação na primeira infância.

A indústria cultural, portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema e, aliada à ideologia capitalista e sua cúmplice, contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como as relações entre os homens e a natureza, de tal forma que o resultado final constitui uma espécie de anti-Iluminismo.

De acordo com Horkheimer (2002), a semiformação é a razão instrumental e a operacionalização do saber, considerada um empecilho para a emancipação intelectual, pois a afeta de tal modo, que se torna habitual pensar roboticamente, ou seja, a questão fundamental é desenvolver meios para alcançar determinados fins. A promessa de uma sociedade justa e igualitária foi convertida, transformada em homens semiformados.

Nesse sentido, as estratégias criadas pela indústria cultural têm como meta o controle da consciência humana, a satisfação dos consumidores com uma suposta ideia de felicidade na música, no cinema e nas artes. Dessa forma, a indústria cultural cria estereótipos que são absorvidos como se fossem verdades absolutas, a indústria cultural conduz o indivíduo à ilusão de que está sendo formado, mas faz com que ele reproduza a ordem estabelecida. O indivíduo sujeitado que absorve a lógica da semiformação, às vezes se destaca na escola, em sala de aula. São considerados bons alunos, de comportamento exemplar e boa memória.

No entanto, esses indivíduos são guiados por anúncios, e não se sustentam diante de um exercício profissional de raciocínio lógico-científico. O semiformado se envaidece de ser bem-informado, tendo com isso um posicionamento para tudo o que acontece no mundo e em sua volta. Esta aparente formação é demonstrada na postagem de resumos, sinopses de livros e filmes, camuflando a ignorância contida nesses bens culturais. As escolas foram seduzidas pelo capitalismo tardio, que apresenta enorme expansão da sua capacidade.

A indústria cultural, por isso, pertence aos mecanismos da lógica do lucro e da concorrência, incentivando a criação de empresas e instituições que se

alimentam e se expandem. Essas instituições, entre elas as escolares, estabelecem padrões de ensino para formação de indivíduos indiferentes, sempre governados, que atendam aos chamados para o consumo de bens temporários e descartáveis.

A indústria cultural, a barbárie e o esquecimento da pessoa humana são processos de disseminação da semiformação. Desta forma, Adorno (2006) sugere que a escola assuma sua função de instituição corresponsável e fundamental no resgate da emancipação humana, em um processo de desbarbarização, que pode promover a autocrítica necessária para o indivíduo transformar e ser transformado. Ao ser questionado sobre o que é a barbárie, o autor se posiciona da seguinte forma:

A barbárie está em toda parte em que se utiliza a agressão física primitiva, sem que se vincule com os objetivos racionais da sociedade, e por isso considera que a violência por si só, não pode, sem mais nem menos, ser condenada como barbárie. Assim, não pode ser considerada barbárie se o homem conduz uma ação rebelde para a promoção de condições mais dignas, por exemplo: rebeliões estudantis, manifestações populares; não se trata de erupções primitivas de violência, mas, em geral de modo de agir politicamente refletidos, de modo que fica evidente, “a diferença entre o que é e o que não é barbárie.” (ADORNO, 2006, p. 160).

Portanto, o que pode alimentar a barbárie seria: colar chiclete embaixo das carteiras, incitar a desordem e a violência, usar drogas em ambiente escolar, ameaçar, ofender o professor, e até mesmo o estímulo irrefletido a competições pode alimentar a barbárie. A competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana. De resto, acredito que o ensino que se realiza em formas humanas de maneira alguma última o fortalecimento do instinto de competição”. Já na visão de Heraldo (2018, p. 100): a pedagogia competitiva pode “educar esportista, mas não pessoas desbarbarizadas.”

O verdadeiro propósito da barbárie, na concepção de Theodor Adorno, é o contrário de formação, do processo de educação ou de civilização, que se manifesta no enraizamento de preconceitos, competições descontroladas, podendo conduzir os portadores destas características à agressividade, a atos de torturas e até a genocídios. (ADORNO; HOEKHEIMER, 1985).

A emancipação é a forma pela qual uma pessoa que ainda não atingiu a maioria deixa de ser considerada relativamente incapaz e torna-se capaz de praticar os atos da vida em sociedade sem a tutela de outros. Significa o mesmo que conscientização, racionalidade, com o objetivo de oferecer igualdade de oportunidades. A emancipação pode ser realizada na medida em que eliminarmos

as barreiras da língua na idade anterior ao início da escolarização obrigatória, três ou quatro anos de idade. De acordo com esse preceito, a educação informal é mais importante que a educação formal (ADORNO, 1995).

De acordo com Adorno, no fundo, não somos educados para a emancipação. Essa só acontece mediante uma motivação do aprendizado baseado numa oferta diversificada ao extremo, isso não significa emancipação mediante escola para todos, mas emancipação pela demolição de estruturas vigentes em três níveis, por intermédio de uma oferta formativa diferenciada e múltipla em todos os níveis: da pré-escola até o aperfeiçoamento permanente; possibilitando, desse modo, a emancipação em cada indivíduo, o qual precisa assegurar sua emancipação em um mundo que parece particularmente dirigi-lo (ADORNO, 1995).

Theodor Adorno afirma que a educação emancipatória poderia colaborar com a reflexão para a autoformação crítica da formação que se transformou em semiformação. No entanto, a ausência de literatura pedagógica, e até na falta de capacitação de professores, contribuem negativamente para tomada de posição pela educação para a emancipação.

2.2 O que é esclarecimento?

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. No início do breve ensaio de Kant intitulado "Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?" (1784), ele define a menoridade ou tutela, e a emancipação, afirmando que esse estado de menoridade é auto inculpável quando a causa não é a falta de entendimento, mas de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. "Esclarecimento é à saída dos homens de sua auto inculpável menoridade" (KANT, 1784).

Pensando na simples situação da estruturação tríplice de nossa educação em escolas para os denominados altamente dotados, em escolas para os denominados medianamente dotados e em muitas escolas para aqueles que seriam praticamente desprovidos de talento, encontram-se nela, já prefigurada, uma determinada menoridade inicial. Acredita-se que não fazemos *jus* completamente à questão da emancipação se não iniciamos por superar, por meio do esclarecimento, o falso conceito de talento, determinante em nossa educação.

O talento não se encontra previamente configurado nos homens, mas que, em seu desenvolvimento, ele depende do desafio a que cada um é submetido. Isso quer dizer que é possível "conferir talento" a alguém. A partir disso, a possibilidade de levar cada um a "aprender por intermédio da motivação" converte-se numa forma particular do desenvolvimento da emancipação.

Evidentemente, a esse contexto corresponde a uma instituição escolar, em cuja estruturação não se perpetuem as desigualdades específicas das classes, mas que, partindo cedo de uma superação das barreiras classistas das crianças, torna possível o desenvolvimento em direção à emancipação, mediante uma motivação do aprendizado baseada numa oferta diversificada do ensino.

A questão da autoridade, algo que se relaciona ao processo de socialização na primeira infância, e por essa via, diríamos que se refere ao ponto de confluência das categorias sociais, pedagógicas e psicológicas. O modo como nos convertemos em um ser humano autônomo, e, portanto, emancipado, não reside simplesmente no protesto contra qualquer tipo de autoridade. Investigações empíricas, tais como as realizadas nos EUA por Else Frenkel-Brunswik, revelaram justamente o contrário, ou seja, que as crianças chamadas comportadas se tornaram pessoas autônomas e com opiniões próprias, antes das crianças refratárias, que, uma vez adultas, imediatamente se reúnem com seus professores nas mesas dos bares, brandindo os mesmos discursos.

É o processo que Freud denominou como o desenvolvimento normal, pelo qual as crianças em geral se identificam com uma figura de pai, portanto, com uma autoridade, interiorizando-a, apropriando-a, para então ficar sabendo, por outros meios, que o pai, a figura paterna, não corresponde ao eu ideal que aprenderam dele.

Ao apontar a questão da autoridade como algo que se relaciona ao processo de socialização na primeira infância, Adorno (1985) se refere ao ponto de confluência das categorias sociais, pedagógicas e psicológicas.

Becker (1967), sobre "Educação e Emancipação", no debate com Adorno transmitido pela emissora de rádio Hessen, afirma ser importante fixarmos o fato de que o processo de rompimento com a autoridade é necessário. Porém, que a descoberta da identidade, por sua vez, não é possível sem o encontro com a autoridade do pai ou do professor.

Disso resulta uma série de consequências muito complexas e aparentemente contraditórias para a elaboração de nossa estrutura educacional. Para Adorno, não tem sentido uma escola sem professores, mas que, por sua vez, o professor precisa ter clareza quanto ao fato de que sua tarefa principal consiste em não se tornar supérfluo. Esta simultaneidade é tão difícil porque nas formas de relacionamento atuais, corre-se o risco de um comportamento autoritário do professor, que é um estímulo aos alunos de afastarem-se dele (ADORNO, 1985).

2.3 Educações depois de Auschwitz

No texto “Educação após Auschwitz”, que trata a educação para o fim da violência, Adorno (1966, p. 119) assim escreveu: “A oposição à barbárie deve começar pela educação das crianças na primeira infância. A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação.” Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a esta meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. De tal modo que ela precede quaisquer outras que “creio não ser possível justificá-la. Não consigo entender por que até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista à monstruosidade ocorrida.” (ADORNO, 1966, 119). Adorno e Horkheimer levam o leitor a compreender que antes de Auschwitz a educação na Alemanha era recheada de autoritarismo, o aluno era tratado com muita arbitrariedade.

Mas a pouca consciência existente em relação a esta exigência, que Auschwitz não se repita, as questões que ela levanta “provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade que ela se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas.” (ADORNO, 2006, p. 118).

A barbárie continuará existindo enquanto persistirem as condições que geram esta regressão. No entanto, a pressão social continuará impondo-se e impedindo as pessoas de cometerem algo que gerem regressão. Se os homens não fossem indiferentes uns aos outros, Auschwitz não teria sido possível, os homens não o teriam tolerado. Os homens, sem exceção sentem-se hoje pouco amados porque todos amam demasiado pouco. A incapacidade de identificação foi, sem dúvida, a condição psicológica mais importante para que pudesse suceder algo como

Auschwitz entre homens de certa forma bem-educados e inofensivos. (MATOS, 1993, p. 57).

Em tempos de evolução tecnológica, enquanto experimentamos o avanço da internet, da robotização do trabalho, do avanço científico, milhares de pessoas sobrevivem na completa ignorância, e exposta à violência em todo o mundo. É preciso repensar a educação como afirmação da autonomia da recuperação da crença, que através da educação a humanidade se distancie de Auschwitz e consiga um elevado nível de consciência.

Os atuais desafios da educação apontam para a necessidade de superação da ideia ingênua de que o progresso civilizatório e cultural exclui, naturalmente, a barbárie. É importante estruturar uma proposta de discussão capaz de contribuir na reorganização da educação, para que seja dialeticamente crítica e emancipatória, para livrar o homem do medo e permitir o domínio de si mesmo. Emancipatória no sentido de possibilitar a produção de uma consciência crítica, capaz de gerar autonomia em meio à adaptação própria do processo pedagógico.

Da visão ingênua, que crê a cultura e a civilização como caminhos de mão única, que sempre se distancia da incultura e da barbárie, é uma visão monocular, deficiente. Passamos hoje, após os traumas que afloraram neste século, à visão crítica, que reconhece civilização e a barbárie como processos mistos, mesclados. É essa indissolubilidade aparente que convém trabalhar para obter com a educação alvos tão necessários como a autonomia individual, a emancipação (PUCCI; OLIVEIRA; ZUIN, 2008).

Em “Educação após Auschwitz”, Adorno afirma que na própria gênese da civilização está contida a barbárie, e que as técnicas largamente utilizadas na confecção de armas de guerra, quanto às usadas para suprimir vidas nos campos de concentração, era algo que deveria ser encarado com naturalidade e disciplina. É preciso verificar a relação dos homens com a técnica; essa relação é tão ambígua como a do esporte.

Por outro lado, é certo que todas as épocas produzem personalidades – tipos de energias psíquicas de que necessitam socialmente. Um mundo em que a técnica ocupa um lugar tão decisivo como atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a tecnologia. Por outro lado, na relação com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isso se vincula ao “véu tecnológico”. Na visão de Adorno (2003, p. 132), “Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo

algo em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço do homem.” Os meios dirigidos à autoconservação do indivíduo são fetichizados porque os fins encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas.

O autor acredita que os mesmos elementos que influenciaram os grandes conflitos do passado, que ainda perduram em nossa sociedade, devem ser conhecidos e combatidos, sendo que a melhor forma para esse combate é a educação orientada para o estabelecimento, no indivíduo, da autorreflexão, e na sua importância numa coletividade para o alcance da humanização.

Um dos principais objetivos da educação é a formação do indivíduo, capaz de identificar, entre as diversas situações, aquela que lhes permita provocar e alcançar o domínio do conhecimento e da autonomia. No entanto, as informações segmentadas corroboram com o analfabetismo, proporcionando uma educação de resultados, culminando na semiformação, como parte do âmbito da reprodução da vida sob o monopólio da “cultura de massas”. A alteração de “cultura de massas” para indústria cultural explica-se justamente pela preocupação de Adorno e Horkheimer com o essencial em sua perspectiva: apreender a tendência à determinação total da vida em todas as suas dimensões pela formação social capitalista, a subsunção real da sociedade ao capital.

Ainda no ensaio *A educação após Auschwitz* (1986), Adorno alertou-nos de que a preocupação central na educação, escolarizada e difusa, é hoje impedir a barbárie. Nas escolas – mas não apenas nelas, pois os meios de divulgação de massas multiplicam estímulos obscurantistas – o solo propício à barbárie tem que ser resolvido, investigado, desmascarado, combatido.

Em sua superfície, e em seu subsolo. Várias metas devem ser organizadas em torno desse objetivo supremo. A ausência desta ou daquela resultará em prejuízo do objetivo que se faz urgente em reforço da barbárie. Mas quem dá o toque final, a coerência indispensável, é a consciência do risco manifesto ou dissimulado da barbárie. Sem ela, todo conjunto soçobra. (RAMOS, 2007, p. 153). Os meios de comunicações de massa é o maior aliado tanto em regimes democráticos, quanto autoritários. É preciso estar atento aos incentivos à barbárie praticada através das modernas redes sociais; a internet.

2.4 A educação e a semiformação

No que se refere ao processo de ensino, denota-se a transmissão de conhecimentos por parte de um mestre ou de um professor, de modo verticalizado, de cima para baixo. Trata-se de um conhecimento que considera as regras estabelecidas dentro de um grupo social. A formação, como analisa Adorno (1995), vai muito mais além do ato de transmitir ou de receber ideias, mas tem a ver com a utilização do conhecimento e sua crítica na construção da cultura. A proposta pedagógica de Adorno visa à formação para o enfrentamento da semiformação (*Halbbildung*). A formação gira em torno da massa e dos elementos veiculados pelos meios de comunicação, daí se afirmar que apesar de toda informação que se difunde, a semiformação passou a ser o elemento dominante da formação atual.

Para entender o pensamento de Adorno em relação à Educação, é importante compreender as críticas que ele faz à indústria cultural, vista como a responsável por prejudicar a capacidade humana de agir com autonomia. O tema foi tratado pela primeira vez em 1947, no livro *A Dialética do Esclarecimento*, que ele escreveu em parceria com Max Horkheimer (1895-1973), da Escola de Frankfurt. Os autores explicam que “a consciência humana é dominada pela comercialização e banalização dos bens culturais - fenômeno batizado posteriormente de semiformação”.

É nessa discussão que está a chave para entender a crítica que Adorno faz à escola. Na opinião do autor, o problema da Educação está no fato de ela ter se afastado de seu objetivo essencial, que é promover no indivíduo o domínio pleno do conhecimento e a capacidade de autorreflexão. A escola, assim, transformou-se em simples instrumento a serviço da indústria cultural, que trata o ensino como uma mera mercadoria pedagógica em prol da "semiformação". Essa perda dos valores, segundo o autor, anula o desenvolvimento da autorreflexão e da autonomia humana.

A semiformação é a própria barbárie, por isso, são regressões e instrumentos de dominação do homem. E nesse sentido, como pensar a sociedade contemporânea sem considerar os elementos de barbárie existentes em nossa civilização? Na consciência humana dominada existe o germe da barbárie. É importante ressaltar que somente a educação teria a capacidade de afastar o indivíduo do selvagerismo.

Para Adorno (2006), esse fato seria solucionado não apenas na educação escolar, mas na educação familiar voltada para a convivência civilizada.

Adorno e Horkheimer (1985) denunciam o desvio do projeto iluminista e o descaminho da razão, por isso, a própria razão deve passar por um processo de esclarecimento, sob o risco de assistirmos ao seu fracasso. A crise de formação cultural no sistema capitalista está no fato dela ter se transformado em uma mercadoria de consumo.

No texto *Educação e Emancipação*, Adorno (1995) defende uma educação fundamentada no uso da razão objetiva, na autonomia. Se a razão pura, no sentido em que foi defendida pelo idealismo alemão, não pode hoje ser proposta, é inegável que a formulação de um pensamento rigoroso e autônomo é a base para a construção de um ser humano emancipado. Não se trata de defender a razão no sentido ontológico, mas sim a racionalidade ética.

A educação hoje é tratada como mercadoria, e a indústria cultural como a responsável pela semiformação. A educação, como portadora da ideologia dominante, outorga sentido a todo o sistema capitalista. A indústria cultural contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como as relações entre os homens e a natureza, de tal forma que o resultado final constitui uma espécie de anti-iluminismo.

De acordo com Adorno (2006), a semiformação é a razão instrumental, é a operacionalização do saber exercendo o domínio sobre todas as coisas, considerado um empecilho para a emancipação intelectual, pois afeta de tal modo o indivíduo, que se torna habitual pensar roboticamente. A promessa de uma sociedade justa e igualitária foi convertida, transformada em sociedade de homens semiformados. Nesse sentido, as estratégias criadas pela indústria cultural têm como meta o controle da consciência humana, a satisfação dos consumidores com uma suposta ideia de felicidade na música, no cinema, nas artes. Dessa forma, a indústria cultural cria estereótipos que são absorvidos como se fossem verdades, a indústria cultural conduz o indivíduo à ilusão de que está sendo formado, mas faz com que ele reproduza a ordem estabelecida.

É o indivíduo sujeitado que absorve a lógica da semiformação. Às vezes, alguns alunos que se destacam na escola, em sala de aula como tendo bom comportamento, são considerados um exemplo de boa retenção do conhecimento,

de boa memória. No entanto, são guiados por anúncios e não se sustentam diante de uma informação de natureza científica.

A indústria cultural, a barbárie e o esquecimento da pessoa humana são processos de disseminação da semiformação. Por isso, Adorno (2006) sugere que a escola assuma sua função de instituição corresponsável e fundamental no resgate da emancipação humana, no processo de desbarbarização, que pode promover a autocrítica necessária para o indivíduo transformar e ser transformado.

Adorno (2006), ao ser questionado sobre o que é a barbárie, posiciona-se afirmando que a barbárie está em toda parte, em que se utiliza a agressão física primitiva, sem que se vincule com os objetivos racionais da sociedade, e, por isso, considera que a violência, por si só, não pode, sem mais nem menos, ser condenada como barbárie.

E assim, não pode ser considerada barbárie se o homem conduz uma ação rebelde para a promoção de condições mais dignas, por exemplo: rebeliões estudantis, manifestações populares; não se trata de erupções primitivas de violência, mas, em geral, de modos de agir politicamente refletidos (ADORNO, 2006). Como exemplos de ações que podem alimentar a barbárie, podemos citar colar chiclete embaixo das carteiras, incitar a desordem e a violência, usar drogas em ambiente escolar, ofender sem motivos os colegas por não gostar deles etc.

3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DAS REFLEXÕES DE ADORNO SOBRE A CULTURA E A EDUCAÇÃO

O papel dos professores na sociedade é de fundamental importância para a formação de cidadãos que possa ter autonomia e possam lidar com um mundo pautado pelo consumismo e pela alienação que esse modo de vida impõe. No seio da sociedade capitalista até a educação se torna um produto, e um meio de produzir novas peças para as engrenagens do mercado de trabalho.

O próprio processo de acesso às universidades teve um impacto profundo no Ensino Médio. A preparação voltada para o enem, não pode ignorar que cada aluno possui vivências distintas e problemas que não podem ser ignorados pela escola, bem como necessidades que não se limitem a cursar uma faculdade. É o que defendem pensadores como Adorno e seus companheiros na escola de Frankfurt.

A reflexão da educação como formação e emancipação do indivíduo ganha ecos na 'Escola de Frankfurt', onde a autonomia humana é

reivindicada por seus pensadores diante da alienação social. Os filósofos desta linha se debruçam sobre a necessidade de uma educação que respeite as diferenças, que ajude o indivíduo a se esclarecer e realizar a emancipação humana e social. Por isso, é conhecida como a linha crítica dos conteúdos (MOGENDORF, 2012), pois os pensadores dessa escola não poupam críticas ao sistema educacional ocidental, o qual gera a barbárie. “[...] Acredito que não fazemos jus completamente à questão da emancipação se não iniciamos por superar, por meio do esclarecimento, o falso conceito de talento, determinante em nossa educação [...]” (ADORNO, 1995, p.169). (PEREIRA, 2018, p. 32)

Mas na sociedade capitalista o que importa são os números e não a qualidade em si. Por isso, as aulas de Filosofia se apresentam como um espaço de resistência e preparação para o uso crítico da razão. A relação do sujeito com o mundo deve ter esse elemento crítico que lidar com tudo aquilo que possa visar alienar a autônoma desse sujeito, seja ela física ou intelectual.

Se os professores têm que lidar com tecnologias que se mostram mais atraentes aos alunos como é o caso dos celulares, a grande questão que esse tipo de situação revela, é o fato de que há uma discrepância entre escola, professores e alunos. Os alunos na maioria dos casos, assim como os professores, possuem smart fones com acesso a internet. Enquanto as escolas públicas amarga. (m falta de investimentos neste setor. Os equipamentos de comunicação da escola a escola publicam), não tem manutenção, tampouco atualização tecnológica.

Como vimos nos capítulos anteriores, a educação como emancipação deve levar os alunos a ter autonomia para refletir e agir de modo livre e consciente. No entanto, o grande desafio desse tipo de educação é a indústria cultural que prega um estilo de vida onde até mesmo as escolhas já estão definidas, um modo de vida em que as pessoas são apenas consumidoras de produtos que poderiam ser facilmente chamados de “ópio do povo”.

Na Escola de Frankfurt a problemática sobre a emancipação humana tem seus pressupostos fundados em dois pilares: a crítica marxista à lógica desumana do capitalismo e no projeto kantiano de Aufklärung. A educação, nesse processo, tem a finalidade de levar o homem a sair da alienação dominante do sistema de produção capitalista, através de um esclarecimento. Essa perspectiva é a emancipação humana, o projeto de desenvolvimento humano, não se resume apenas à superação da luta de classes, e nem somente a universalização do esclarecimento humano (Aufklärung). (PEREIRA, 2018, p. 32-33).

E é impressionante como o cinema continua a ter a mesma força e papel que Adorno e Horkheimer denunciaram no século passado. O cinema continua a ser um

dos principais instrumentos de alienação do capitalismo. Claro que há exceções como é o caso de muitas produções independentes que servem para denunciar as armadilhas da sociedade capitalista pautada no consumo.

Se realmente uma educação que leve a emancipação é possível, ela só será alcançada por meio de iniciativas que coloquem os alunos no caminho da reflexão e conscientização do lado negativo da cultura do capital. Não é à toa que cada vez mais os jovens são alvos de produções audiovisuais que ditam comportamentos que são seguidos como lei.

Os smartphones estão repletos de apps que consomem o tempo que poderia estar sendo utilizado em atividades mais produtivas, como a leitura, estudo ou a prática esportiva. A própria escola se tornou uma extensão da sociedade do consumo, na medida em que é uma fonte preciosa de mão de obra para o mercado de trabalho, e não mais de cidadãos conscientes de seu papel em uma sociedade democrática.

A valorização de cursos como Medicina, Direito, Ciências Contábeis e Administração, em detrimento das licenciaturas mostra o quão arraigado está no imaginário popular a força do capital. E não é de se estranhar que a exclusão de disciplinas como Filosofia, Sociologia continuem sendo apresentadas em propostas nas secretarias de educação dos estados.

Esses ataques são a prova do quão perigoso é pensar de modo autônomo. Perigoso para o *status quo* que o capitalismo estabelece e faz manutenção constante, assimilando até mesmo muitas manifestações que são contrárias à sua lógica. A estética punk surgiu como uma afronta ao estilo de vida inglês e musicalmente foi uma reação às bandas que ostentavam um padrão de vida muito distante da realidade da maioria dos fãs.

Hoje essa estética foi assimilada de tal modo que se tornou parte do processo de alienação imposto pela sociedade capitalista. O cabelo moicano é utilizado em âmbitos sem a mesma simbologia do passado, mas como mais uma tendência da moda.

E nos últimos anos a ameaça do fascismo está a todo o momento à espreita nas esquinas, mesmo que de forma imperceptível para pessoas que tem consciência dos seus perigos.

E é significativo que um dos textos do livro Educação e Emancipação de Adorno (embora na prática ele não seja o único autor do conteúdo do livro, uma vez

que esse livro tem origem em uma entrevista em que o filósofo debate com o secretário de educação alemã Becker), tenha como título Educação após Auschwitz. Pois é preciso impedir que novos “campos de concentração” surjam no mundo, pois é por meio da educação que se pode vencer a luta contra o fascismo.

Logo, a proposta que será apresentada neste capítulo está contextualizada no ensino de filosofia e suas muitas possibilidades de proporcionar aos alunos as ferramentas adequadas para o uso crítico do pensar, principalmente diante dos desafios impostos pela sociedade capitalista.

3.1 Objetivo

O objetivo da proposta pode ser delineado nos seguintes termos:

- Adquirir conhecimentos necessários para se refletir sobre a realidade social de tal modo que este conhecimento seja útil na prova de redação do ENEM.

3.2 O problema de pesquisa

Diante das transformações que ocorreram na sociedade na transição do século XX para o século XXI, principalmente o advento da internet e das tecnologias, a própria cultura foi convertida em algo que mantém os indivíduos alheios aos perigos da ideologia capitalista.

Como denunciou Adorno e Horkheimer, a indústria cultural está a serviço do capital e tem como função manter as pessoas alienadas. Assim, é perceptível que os jovens se deixam seduzir pelos encantos dessa ideologia.

Há uma perda de identidade, pois essa identidade já está estabelecida. Por isso, é preciso que os jovens reflitam e adquiram a capacidade de pensar criticamente sua realidade.

O problema que nos confronta é o seguinte:

- Como despertar o senso crítico dos jovens alunos que estão constantemente conectados na internet assimilando a ideologia alienante que lhe é imposta pela sociedade capitalista por meio da indústria cultural?

3.3 Os sujeitos da pesquisa

Os participantes desta pesquisa serão os alunos da escola Nossa Senhora da Paz, que estão cursando o 3º ano do ensino médio, com o firme propósito de ser aprovado no ENEM e concordam com as práticas que serão aplicadas nesta

pesquisa-ação, bem como, em assinar um termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.4 Metodologia

A proposta que está sendo apresentada neste trabalho será desenvolvida por meio da pesquisa-ação. Uma vez que se trata de uma proposta de intervenção, é preciso estabelecer uma metodologia que favoreça esse tipo de proposta.

Assim, a pesquisa-ação é a metodologia adequada para o objetivo que se está propondo alcançar, a saber, promover a reflexão sobre temas contemporâneos pelo viés da filosofia de Adorno, principalmente sua crítica ao que ele chamou de indústria cultural.

Nesse sentido, a pesquisa-ação é um método de pesquisa que tem por objetivo a resolução de um problema determinado por meio de ações empreendidas pelos pesquisadores e sujeitos da pesquisa com o caso pesquisado. 1 - A definição de um problema e produzir resultados. 2- construir conhecimentos relevantes sobre o objeto de estudo.

Vergara (2012, p. 191) apresenta as principais características da pesquisa-ação:

- Mobiliza os sujeitos para atuarem durante todo o processo de investigação e identificação dos problemas prioritários, bem como implementarem e avaliarem as ações.
- Permite explorar e estimular o processo de aprendizagem dos sujeitos, por meio da discussão e da disseminação de informações, visando à condução de trabalhos futuros.
- Permite analisar a teoria durante o processo de mudança, provocado pela ação dos sujeitos.
- É recomendado para investigações com grupos, organizações, coletividades de pequeno ou médio porte, sendo inadequado para utilização em nível macrossocial (THIOLLENT, 1988).
- A ação de forças políticas, contrárias ou céticas, pode dificultar a obtenção de dados e a implementação das ações.
- Exemplo de um problema para pesquisa-ação: alta de habilidades em escrever uma redação.

Como é possível perceber a pesquisa-ação é a melhor opção quando se almeja um trabalho integrado entre todos os sujeitos que estarão envolvidos no projeto que está sendo proposto.

Chizzotti (2013, p. 77) enumera pontos importantes sobre a pesquisa-ação:

- Crítica ao modelo convencional que privilegia meras descrições explanativas, ainda que calcadas em sofisticados fundamentos descritivos, mensurativos ou analíticos;

- Objetivo comum expresso no interesse manifesto de aprofundar o conhecimento compreensivo de um problema a fim de orientar a ação de quem procura soluções para este problema;
- Inclusão dos sujeitos pesquisados na recolha e análise de informações e na proposição das ações sanadoras dos problemas estudados;
- Uso de técnicas e recursos que favoreçam o desenvolvimento consequente da ação que objetiva superar o problema enfrentado.

A proposta para a pesquisa-ação no âmbito do projeto-intervenção será realizada em equipes de trabalho com até quatro componentes, sob a orientação dos professores responsáveis por ministrarem as disciplinas Filosofia, Sociologia ou disciplinas que couberem e desejarem os professores e suas disciplinas.

Essa proposta será desenvolvida em duas etapas: uma on-line, através de aulas virtuais, gravadas e enviadas para cada aluno com o feedback, e numa segunda etapa, com a aplicação dos exercícios de redação.

De acordo com Thiollent (2005, p. 16):

Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Neste trabalho, juntam-se professores e alunos numa ação coletiva para a análise e interpretação um bom texto filosófico, em que o professor indica o aluno que realizará a leitura, para depois, realizarem a escrita filosófica. Este trabalho será finalizado com a correção da redação, devolvida na aula seguinte com os comentários e críticas.

Os envolvidos, ao pesquisarem sua própria prática, produzem novos conhecimentos e, assim, apropriam-se e ressignificam sua prática. Nesta ação, tanto o professor quanto o aluno, estarão diretamente envolvidos em uma perspectiva de mudança, produzindo novos compromissos, com a realidade em que atuam. Por fim, proporcionar mais segurança naquilo que analisa e escreve o aluno, por ocasião de um teste, ou do Exame Nacional do Ensino Médio. O objetivo é aprovar o maior número de alunos desta escola no exame, incentivados pela necessidade de uma formação superior.

3.5 A realização de seminários

Trata-se do trabalho em grupo de discussão que acompanha todo o processo de pesquisa – desde sua elaboração inicial (planejamento), execução e avaliação.

Reúne os principais envolvidos na pesquisa. É o espaço para redefinição, realinhamento dos objetivos, “correção de rumos”, interpretação de dados, debates teóricos, entre outros. Estes seminários servirão como um observatório de aproveitamento de ideias que naturalmente surgirão com a exposição do projeto.

A Pesquisa bibliográfica será elaborada a partir dos autores citados no projeto, inclusive os comentadores dos autores e do tema. Previamente, será distribuída entre os alunos uma lista com um roteiro e objetivos da pesquisa.

Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. E é nessa perspectiva que se pretende realizar a presente proposta.

4 HIPÓTESES PARA UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO FILOSÓFICA

Neste capítulo apresentamos uma proposta de intervenção filosófica com viabilidade de realização do ponto de vista do ensino-aprendizagem, com base em estudos empíricos do processo de emancipação através da educação em Adorno da Escola de Frankfurt, referenciado pela crítica ao capitalismo. As citações dos textos de Adorno, servem para enriquecimento da redação, criando possibilidades de obtenção da nota mil na prova objetiva do Exame Nacional do Ensino Médio. Outras hipóteses e autores são apresentados para que o aluno defenda determinados pontos de vista sobre o problema apresentado, sem fugir ao foco desenhado na intervenção.

4.1 Porque a Filosofia não tem manual?

A aplicação dos ensinamentos desenvolvidos ao longo dos textos que tratam da teoria crítica à indústria cultural nesta dissertação de mestrado profissional tem como objetivo compreender as influências que a indústria cultural exerce sobre o indivíduo na busca por uma educação crítica e emancipatória. Para a construção desta pesquisa, será adotada a metodologia de pesquisa-ação, buscando as obras do filósofo alemão Theodor Adorno da escola de Frankfurt, envolvendo professores e alunos nos trabalhos que serão desenvolvidos em sala de

As observações e comentários dos textos filosóficos de Evelyne Rogue nos ajudou a entender porque a filosofia não tem manual. O ensino de filosofia pontua a autora, trabalha, sobretudo com leituras e interpretações de textos filosóficos. A interação com esses textos nos orienta a redigir um bom comentário filosófico. Para

responder aos questionamentos feitos a partir dos próprios textos, é necessário que o estudo de textos filosóficos tenha fundamentações, requisitos básicos para as respostas.

Para o ensino de filosofia nas universidades brasileira, foi necessário reunir um grupo de professores, traduzir e organizar textos do volume *Os pensadores*, para servir de padrão de ensino de filosofia nas universidades. Com o retorno de filosofia às escolas secundárias, os mesmos caminhos foram necessários para estender um mesmo padrão ao ensino médio. Apesar dos ganhos institucionais políticos e pedagógicos com a inclusão do ensino de filosofia no PNL (Plano Nacional do Livro Didático), nas edições de 2012 e 2015, pairou uma certa suspeita no artificialismo no padrão pedagógico do livro didático. Essas suspeitas materializam: o ensaio, a crítica, o diálogo, a narrativa, o comentário e o romance. O livro didático poderia ter se aproximando do gênero “comentário filosófico”. Mas, na condição de comentário filosófico, o livro didático será sempre precário, se não for acompanhado da leitura dos próprios textos sobre os quais versam o comentário em questão. (Evelyne, 2005, p. 3 e 4).

Por fim, a preparação de um material didático que correspondesse a um manual de ensino de filosofia, estaria tão mais próxima do livro *Antologia Filosófica*, de um pouco mais de 700 páginas. Este material didático, o livro propriamente dito, foi editado por um grupo de professores, e por alunos do PIBID da UFPR, nas oficinas de tradução de textos filosóficos, e distribuídos nas escolas públicas como um roteiro ao ensino de filosofia para o ensino médio. Foram 60 mil exemplares no ano de 2010, iniciando pelas escolas básicas do estado Paraná. Este exemplo seria o primeiro passo para articulação de uma pedagogia filosófica, sempre acompanhada da leitura de textos filosóficos originais de modo a inspirar o aluno a pensar por si mesmo.

4.2 Preparação do material didático como iniciação à docência

A obra *Antologia filosófica*, oferece ao leitor cerca de 20 textos filosófico de relevância histórica, filosófica e pedagógica. Outra obra de características semelhantes à *Antologia Filosófica* foi publicada nos anos 1980, com o título de *Primeira Filosofia: lições introdutórias*. Estas obras possuem um roteiro que pode ser aplicado em sala de aula com a intervenção do professor de filosofia, mostrando, o objetivo teórico de cada um dos filósofos, questionando o papel da filosofia na

atualidade, e sua relação com a teoria crítica da educação e o caminho da emancipação.

Em princípio, a emancipação inicia-se no aprendizado das técnicas de absorção de conhecimentos. Nas aulas teóricas, são inseridas práticas de redação cuja temática relaciona-se à teoria filosófica estudada. Cada aluno individualmente desenvolverá uma redação que será ao entregue ao professor no final da aula. Esta redação deverá ser corrigida com comentários, e devolvida ao aluno.

Ontologia filosófica e Primeiras filosofias: lições introdutórias. São obras que parte do contato direto com os textos originais dos filósofos, e são basilares para o estudo e o ensino de Filosofia. A apresentação dos textos é organizada segundo uma perspectiva histórica ou temática, exceção feita ao tema da lógica, que é preferível a “exposição”. Este material não é considerado um manual, nem um instrumento de trabalho, mas necessário à elaboração de um roteiro. As bibliografias apresentadas no final dos textos são recomendadas como complemento à compreensão dos mesmos.

4.3 Propostas metodológica e local de intervenção

A pesquisa - ação é a metodologia utilizada para a compreensão da filosofia na sala de aula, na suposição de que tal pesquisa tenha como função a emancipação para a transformação da realidade, marcada pela crítica à sociedade de mercado e ao progresso técnica, quando impera a banalização do ensino em escolas de massa, claramente estabelecida pelo processo da semiformação onde o aluno é persuadido a ler somente trechos ou capítulo de um livro, e responde a um questionamento, para obtenção de uma nota de aprovação.

As relações entre a filosofia e a emancipação de Adorno aparecem nas críticas deste filósofo ao processo pedagógico da semiformação, pela capacidade que essas críticas possuem na transformação das relações sociais. Para Adorno a emancipação humana somente será possível por meio de uma formação acadêmica, dirigida à formação da consciência crítica em que o indivíduo passa a conhecer as contradições da sociedade.

A proposta de intervenção será constituída por análise bibliográfica, envolvendo os alunos na leitura dos textos dos autores e comentadores da temática, realizadas na biblioteca da escola, ou através da internet, para serem revisadas e comentadas pelo professor em sala de aula. Os temas indicados para redação terão como base a crítica filosófica da Escola de Frankfurt de Theodor Adorno, e versarão

sobre a indústria cultural, educação e emancipação, a contradição entre Formação e Semiformação, detalhadas no capítulo III.

Imaginamos assegurar, por esse recorte, que a presença do projeto de emancipação acompanha a teoria crítica, também em sua fase tardia. O enfoque na educação, segundo aqui se compreende, possibilita vislumbrar clareiras abertas em meio às contradições da sociedade da dialética do esclarecimento.

Finalidade

Contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às “soluções” para auxiliar o agente (ou ator) na sua atividade transformadora da sociedade. “É claro que esse tipo de objetivo deve ser visto com “realismo”, isto é, sem exageros na definição das soluções alcançáveis. Nem todos os problemas têm soluções a curto prazo.” Thiollent (1994, p.18)

A proposta para aplicação desta pesquisa no âmbito do projeto-intervenção será realizada na Escola Nossa Senhora da Paz - Ensino Médio, nas turmas de 3ª ano, local em que os alunos estão se preparando para a prova do Enem. Esta escola está localizada na Vila São Jose da Costa Rica, S/N, no bairro Vila da Paz. É uma escola pública estadual que a grande maioria dos alunos são oriundos de famílias de baixa renda residentes do bairro.

Pesquisa-ação

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Thiollent, 1994, p.16).

Nesse trabalho, se juntam professores e alunos numa ação coletiva, trabalham um texto filosófico, que permite ao professor orientar ao aluno realizar leituras, corrigir de erros da fala, e interpretar da escrita filosófica. A ideia de uma educação emancipatória serve como desfecho do discurso em torno da relação entre a teoria crítica e o projeto de emancipação. Nesta relação, São produzindo novos compromissos com a realidade em que vivem atuam os alunos.

Por fim, proporcionar mais segurança naquilo que analisa e escrevem por ocasião do Enem. O grande desafio: escrever com segurança baseado naquilo que

aprendeu, se o teste versar por exemplo, a escola de Frankfurt a crítica à sociedade, apresentar suas demandas sociais presentes nos meios de comunicações – indústria cultural - através da internet, bem como as denúncias de manipulação de informações, falsificações de documentos, e toda sorte de problemas nascidos na modernidade e que impedem a emancipação.

4.4 Procedimentos de ensino, o passo a passo para uma aula expositiva, ou os caminhos da emancipação.

A perspectiva mais tradicional do ensino de filosofia está pautada numa lógica centrada no ensino como instrução ou transmissão de conhecimentos filosóficos previamente estabelecidos. Essa técnica de ensino permanece importante, sendo necessário renovar o formato de preleção com outros procedimentos didáticos, quando possível, transformar a aula expositiva em uma aula espetáculo . As práticas escolares atuais são voltadas mais na aprendizagem não somente de conteúdos, mas, sobretudo com o desenvolvimento de habilidades cognitivas. As duas práticas ou lógicas de ensino se diferenciam: a primeira remete a uma didática centrada na exposição do professor, ou na exposição de textos. A segunda segue mais à lógica de construção de conhecimento com base nas atividades do aluno, nas interações do aluno com os colegas de sala e com o professor. Portanto, mais adequada ao método da pesquisa-ação.

Para deixar mais clara o procedimento, ou o passo a passo de uma aula expositiva, esta deve iniciar-se, por exemplo, com o levantamento e comentários sobre as noções que os alunos possuem sobre o tema, questionando sobre o que pensam os alunos sobre a temática, e, colocando questões que os levem a pensar, antes de apresentar o conceito filosófico sobre o assunto.

4.5 Leituras de textos filosóficos

Deparamo-nos com sérias dificuldades ao trabalhar a leitura de textos filosóficos em sala de aula no nível médio: há deficiências culturais entre os alunos, que além de não saber ler, não compreendem aquilo que leem. É preciso criar condições para minimizar os problemas de leitura.

Primeiro passo: Selecionar pequenos trechos do texto a ser lido, e que não apresentem dificuldades do ponto de vista semântico e conceitual, com temáticas que seja interessante ao aluno e de fácil domínio do professor.

Segundo passo: A metodologia de leitura do texto, que deve ser analítico dividido em três partes:

1 – Esclarecimentos semântico e conceitual. Nesta etapa busca-se o significado dos termos e conceitos desconhecidos, recorrendo quando possível ao dicionário ou enciclopédias filosóficas, sempre mediadas pelo professor.

2 – Estruturar o modo de apresentação do texto filosófico dividindo-se em três etapas: Introdução, desenvolvimento e conclusão.

3 – Depois de uma leitura analítica, pode-se determinar:

- O tema: qual o assunto do texto?
- O problema: qual a pergunta que o autor formula?
- A tese: qual a ideia que responde a questão colocada pelo autor?

Para finalizar o professor deve fazer uma leitura estrutural com exemplo prático feito por ele próprio com um texto simples para que o aluno compreenda melhor como deve ser exercitada a metodologia proposta. “ o primeiro exercício feito pelos alunos pode ser em grupo, para que as dificuldades iniciais sejam enfrentadas coletivamente e de forma solidaria.” (Lidia, 2014, p.76).

Terceiro passo: Mostrar o exemplo de um exercício simples.

Texto: “Pensamentos” – Pascal

O pensamento faz a grandeza do homem.

O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo: um vapor, uma gota de água, basta para mata-lo. Mas, mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele, o universo desconhece tudo isso.

Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. Dai é que é preciso nos elevar, e não do espaço e da duração, que não poderíamos preencher. Trabalhem, pois, para bem pensar! Eis o princípio da moral.

Canhão pensante – não é no espaço que devo buscar minha dignidade, mas na ordenação do meu pensamento. Não terei mais possuindo terras; pelo espaço, o universo me abarca e traga como um ponto, pelo pensamento, eu o abarco. Pascal (1993, pp. 127 s;VI 336 a 339).

Procedimentos.

1 – Leitura individual do texto, após o esclarecimento do vocabulário, cada aluno deve responder:

A) A qual é o assunto que o texto esta tratando?

B) Qual pergunta que o autor faz?

C) Quis os argumentos que o autor utiliza para fundamentar suas respostas?

2 – dividir a classe em grupo de quatro a cinco alunos elege-se um relator e Individualmente o aluno apresenta suas respostas, que depois de discutidas resultam num único texto.

3 – Cada relator apresenta as respostas de seu grupo, e o professor provoca uma discussão aberta a todos os participantes, saindo dali um texto final que é apresentado pelo professor, na sala de aula em formato de circulo.

4.6 Pesquisas bibliográficas

É um trabalho que acompanha todo o processo de pesquisa – desde sua elaboração inicial (planejamento), execução e avaliação. É o espaço para redefinição, realinhamento dos objetivos, “correção de rumos”, interpretação e debates teóricos, entre outros. Esta pesquisa bibliográfica, servirá como a principal fonte de conhecimentos, assim como observatório de aproveitamento de ideias e de enriquecimento do projeto de intervenção. Será elaborada a partir dos autores citados no projeto, inclusive os comentadores dos atores e do tema. Previamente, deverá ser distribuída entre os alunos uma lista com um roteiro e objetivos da pesquisa.

Para Gil (2002 p. 44), pesquisa bibliográfica... "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Analisando até neste ponto, podemos concordar que a pesquisa bibliográfica é baseada em livros e outra escrita.

Para dar maior suporte aos alunos durante a pesquisa, deverão ser disponibilizados dois notebooks com acesso à internet.

4.6.1 Como redigir um bom texto filosófico.

A dissertação e a explicação do texto são dois exercícios que permitem formar no aluno a aptidão para utilizar os conceitos elaborados e as reflexões desenvolvidas, assim como, transpor os conhecimentos adquiridos pelo estudo das noções e das obras para um trabalho filosófico pessoal e dinâmico. No contexto, é ação para a autonomia e emancipação.

O domínio das distinções contidas na lista de referências, organizadas pelo professor, ajuda o aluno a analisar e compreender os textos propostos para a reflexão e a construir um discurso conceitualmente organizado. Aqui está à explicação de aposta na dissertação e na explicação dos textos que os alunos devem desenvolver nas aulas de filosofias e nos testes do Enem. Observadas as competências de domínio público, emitidas pelo INEP em 2018 com validade indeterminada.

A nota máxima sinaliza que o texto atende todas as competências previstas na matriz de referência para redação, que são as seguintes:

- 1 – Domínio da escrita formal da língua portuguesa
- 2 – Compreender a proposta de redação e aplicar os conceitos de várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
- 3 – Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista
- 4 - Demonstrar conhecimentos dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
- 5 – Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado que respeite os direitos humanos.

Para tornar mais claro a explicação acima, colocaremos a título de exemplo, um enunciado típico das provas de filosofia retiradas da edição do exame de anos atrás:

(Enem/2012).

TEXTO I

Anaxímenes de Mileto disse que o ar é o elemento originário de tudo o que existe, existiu e existirá, e que outras coisas provêm de sua descendência. Quando o ar se dilata, transforma-se em fogo, ao passo que os ventos são ar condensado. As nuvens formam-se a partir do ar por filtragem e, ainda mais condensado, transformam-se em água. A água, quando mais condensada, transforma-se em terra, e quando condensada ao máximo possível, transforma-se em pedras.

BURNET, J. A aurora da filosofia grega. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006 (adaptado).

TEXTO II

Basílio Magno, filósofo medieval, escreveu: “Deus, como criador de todas as coisas, está no princípio do mundo e dos tempos. Quão parcas de conteúdo se nos apresentam, em face desta concepção, as especulações contraditórias dos filósofos, para os quais o mundo se origina, ou de algum dos quatro elementos, como ensinam os Jônios, ou dos átomos, como julga Demócrito. Na verdade, dão impressão de quererem ancorar o mundo numa teia de aranha.”

GILSON, E.: BOEHNER, P. Historia da Filosofia Crista. São Paulo: Vozes, 1991 (adaptado).

Questão 1

Filósofos dos diversos tempos históricos desenvolveram teses para explicar a origem do universo, a partir de uma explicação racional. As teses de Anaxímenes, filósofo grego antigo, e de Basílio, filósofo medieval, têm em comum na sua fundamentação teorias que

- a) eram baseadas nas ciências da natureza.
- b) refutavam as teorias de filósofos da religião.
- c) tinham origem nos mitos das civilizações antigas.
- d) postulavam um princípio originário para o mundo.
- e) defendiam que Deus é o princípio de todas as coisas.

Resposta: alternativa correta: d) postulavam um princípio originário para o mundo.

Comentários

A pergunta sobre a origem de todas as coisas é uma questão que moveu a filosofia desde seu nascimento na Grécia antiga.

Na tentativa de abandono do pensamento mítico fundamentado em imagens e fabulações, buscou-se uma explicação lógica e racional para o princípio originário do mundo.

As alternativas estão erradas por que:

- a) O pensamento grego busca a compreensão da natureza para explicar a origem do mundo. Entretanto, o princípio estabelecido por Basílio Magno é fundamentado na ideia de Deus.
- b) O filósofo Basílio Magno era teólogo e um filósofo da religião.
- c) O pensamento filosófico nasce da refutação (recusa, negação) dos mitos.
- e) Apenas Basílio Magno defende que Deus é o princípio de todas as coisas. Para Anaxímenes, o elemento primordial (arché) gerador de tudo o que existe é o Ar

Questão 2

(Enem/2017) Uma conversação de tal natureza transforma o ouvinte; o contato de Sócrates paralisa e embaraça; leva a refletir sobre si mesmo, a imprimir à atenção uma direção incomum: os temperamentais, como Alcibíades sabem que encontrarão junto dele todo o bem de que são capazes, mas fogem porque receiam essa influência poderosa, que os leva a se censurarem. Sobretudo a esses jovens, muitos quase crianças, que ele tenta imprimir sua orientação.

BREHIER, E. História da filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

O texto evidencia características do modo de vida socrático, que se baseava na:

- a) Contemplação da tradição mítica.
- b) Sustentação do método dialético.
- c) Relativização do saber verdadeiro.
- d) Valorização da argumentação retórica.
- e) Investigação dos fundamentos da natureza.

Alternativa correta: b) Sustentação do método dialético.

Comentários.

Sócrates foi um defensor da ignorância como o princípio básico para o conhecimento. Daí a importância da sua frase "só sei que nada sei". Para ele, é preferível não saber a julgar saber.

Sendo assim, Sócrates construiu um método que, através do diálogo (método dialético), as falsas certezas e os pré-conceitos eram abandonados, o interlocutor assumia a sua ignorância. A partir daí, buscava o conhecimento verdadeiro.

As alternativas estão erradas por que:

- a) Sócrates busca abandonar os mitos e as opiniões para a construção do conhecimento verdadeiro.
- c) Sócrates acreditava que existe um conhecimento verdadeiro e esse pode ser despertado através da razão. Teceu diversas críticas aos sofistas por esses assumirem uma perspectiva de relativização do saber.
- d) Os sofistas afirmavam que a verdade é um mero ponto de vista, estando baseada no argumento mais convincente. Para Sócrates, essa posição era contrária à essência do saber verdadeiro, próprio da alma humana.
- e) O filósofo dá início ao período antropológico da filosofia grega. As questões relativas à vida humana viram o centro das atenções, deixando de lado a busca sobre os fundamentos da natureza, própria do período pré-socrático.

Questão 3

O cidadão norte-americano desperta em um leito construído segundo padrão originário do Oriente próximo, mas modificado na Europa setentrional antes de ser transmitido à América. Sai debaixo de cobertas feitas de algodão cuja planta se tornou doméstica na Índia. No restaurante, toda uma série de elementos tomada de empréstimo o espera. O prato é feito de uma espécie de cerâmica inventada na China. A faca é de aço, liga feita pela primeira vez na Índia do sul; o garfo é inventado na Itália medieval; a colher vem de um original romano. Lê notícias do dia impressas em caráter inventado pelos antigos semitas, em material inventado na China e por um processo inventado na Alemanha.

LINTON, R. O homem: uma introdução à antropologia São Paulo: Martins, 1939 (adaptado).

A situação descrita é um exemplo de como os costumes resultam da:

- a)- assimilação de valores de povos exóticos.
- b)- experimentação de hábitos sociais variados.
- c)- recuperação de heranças da Antiguidade Clássica.
- d)- fusão de elementos de tradições culturais diferentes.
- e)- valorização de comportamentos de grupos privilegiados.

Resposta correta letra (d)

4.6.2 Textos filosóficos - exemplos

Esses três pequenos textos vão contra a imagem construída de Adorno como o filósofo da torre de marfim indiferente a toda conjuntura política e social. Sua crítica ao ativismo irrefletido e ao imperativo da práxis não significava uma ignorância em relação à necessidade de resistência política, tampouco em relação à gravidade dos fatos. Ainda hoje, quando se trata da história intelectual alemã do pós-guerra, Adorno é caricaturado como um literato melancólico que viveu nos paraísos artificiais da abstração filosófica e da música dodecafônica. Vale lembrar que tal estigma é usado não só pelos seus detratores como também por seus defensores, que parecem simpatizar com o elitismo cultural do crítico que não suja as mãos na lama social, aspecto criticado pelo próprio Adorno em seu ensaio Crítica cultural e sociedade, no qual ele reitera a inexistência de tal lugar ascético e não mediado pelas contradições do mundo capitalista.

Dos três textos inéditos aqui publicados, dois são transcrições de declarações feitas por Adorno em sala de aula e, logo depois, publicadas no Diskus, jornal

estudantil de Frankfurt. No primeiro deles, de junho de 1967, Adorno presta homenagem ao estudante Benno Ohnesorg, assassinado pela polícia durante uma manifestação em Berlim contra a visita de Mohammad Reza Pahlavi, o xá da Pérsia. O assassinato de Ohnesorg foi uma faísca para a radicalização do movimento estudantil, um marco do que viria a ser o ano de 1968 na Alemanha.

No segundo texto, de novembro de 1967, Adorno comenta a absolvição do comandante de polícia Karl-Heinz Kurras, responsável por atirar em Ohnesorg. Menos do que condenar a ineficiência da justiça penal, Adorno sugere, a partir desse fato, a impossibilidade inerente ao direito penal de realização da justiça.

O terceiro texto, de maio de 1968, é um discurso feito por Adorno em um evento intitulado “Democracia em estado de emergência”, que ocorreu no auditório da Rádio de Hessen. Trata-se de uma declaração contra as leis de emergência que haviam sido formuladas durante os conflitos de 1968 e que foram aprovadas como emenda constitucional em junho daquele ano. Elas previam a suspensão da lei em situações de exceção, prerrogativa ausente da constituição alemã desde o pós-guerra. Naquele momento, Adorno alerta para as tendências autoritárias na Alemanha e incita a oposição pública, que não deveria “arrefecer, mas sim se intensificar”.

Esperamos ao mostrar esse lado menos conhecido da atividade intelectual de Adorno, ajudar a desfazer o lugar-comum decadente que impede uma ritualização crítica desse teórico anticonformista.

4.6.3 - Sobre os acontecimentos de Berlin (T.W. Adorno)

Antes da aula de 6 de junho de 1967.

Não posso começar a aula hoje sem dizer algumas palavras sobre os acontecimentos de Berlim, por mais eclipsados que eles estejam pelo pavor que ameaça Israel, o abrigo de inúmeros judeus que fugiram do horror.

Sei quão difícil é, neste momento, formar um juízo justo e responsável mesmo sobre o fato mais simples, porque todas as notícias que chegam até nós já estão direcionadas. Mas isso não pode me impedir de manifestar minha simpatia pelo estudante, cujo destino, não importa o que nos relatem, não mantém nenhuma relação com sua participação em um protesto político. Independente de qual das exposições dos acontecimentos assustadores, que são contraditórias entre si, esteja correta, de todo modo observa-se que, na Alemanha, frequentemente ainda

prepondera a tendência oficial, incompatível com o espírito da democracia, de altas instâncias encobrirem a priori ações de órgãos subordinados em duplo sentido. Depois que a investigação dos acontecimentos de Hamburgo foi interrompida em uma assim chamada “solitária”, é de se temer que algo semelhante também ocorra em Berlim.

Não só o ímpeto de fazer justiça às vítimas, mas também a preocupação de que o espírito democrático na Alemanha, que na verdade apenas começa a se formar, não seja sufocado por práticas autoritárias, torna necessária a exigência de que a investigação em Berlim seja conduzida por instâncias que não estejam vinculadas organizacionalmente àquelas que ali dispararam e desceram o cassetete e sobre as quais não recaia a suspeita de que haja qualquer tipo de interesse de que a investigação assuma uma determinada direção. Que a investigação decorra com a maior liberdade, o mais rapidamente, sem ser constrangida por desejos autoritários, conforme ao espírito democrático, é um desejo que eu não sinto como privado, mas como um que brota da situação objetiva. Eu suponho que vocês o partilhem.

Em memória de nosso colega berlinense assassinado Benno Ohnesorg, eu peço que vocês se levantem de seus lugares.

Referência: Diskus. Frankfurter Studentenzeitung. Extrablatt, 8./9.6.1967, S. 2 [Band 20: Vermischte Schriften I/II:»Über die Berliner Vorgänge«. Theoder W. Adorno: Gesammelte Schriften] Tradução Paulo Alves.

EXERCÍCIOS

1. Qual a temática tratada por Adorno no início da aula ?
- 2- Qual a tese sustentada pelo autor no texto ?
- 3- Qual o problema colocado no texto?
- 4- Qual o sentido da relevância filosófica expressos pela problemática
5. O que faz o autor em cada um dos parágrafos?
6. Em que consiste o interesse filosófico de um texto?
7. O que é preciso fazer para bem conduzir a discussão de um texto filosófico?
8. Como evitar fugir do assunto?

TEXTO 2

Sobre a absolvição do sargento Kurras (Theodor W. Adorno)

Aula antes de 23 de novembro de 1967

Presumo que corresponda também à expectativa de vocês se eu disser algumas palavras sobre a absolvição do sargento Kurras. Não sou jurista e não reivindico ter a qualificação para opinar juridicamente sobre a sentença. Decerto, foi difícil reconstruir os fatos; e eles mesmos poderiam ter contido aquele momento de confusão, com o qual quase sempre se esbarra quando se acredita poder apreender concretamente o mal-estar público.

Conheço a problemática do que chamam “desaprovação da sentença” [Urteilsschelte]. Contudo, não posso silenciar minha desconfiança de uma ciência que funda essencialmente a reivindicação de sua objetividade naquela técnica da subsunção, que me parece, filosoficamente, assaz problemática. Certamente não caberia a mim, alguém que considera extremamente questionável a necessidade de punir, de minha parte, fazer-me de porta-voz dessa necessidade; e, visto do outro lado, conduzir-me à sociedade daqueles com quem não desejo ter nada em comum. Mas tudo isso não é o mais decisivo no assassinato de nosso colega Ohnesorg. Se o sargento já não pode ser condenado, porque não se pode comprovar sua culpa no sentido da lei, tanto maior se torna, por isso, a culpa de seu mandante. Que se tenha armado a polícia para fazer frente a um protesto de estudantes carrega em si a tentação para aquelas ações, que o sargento gostaria de justificar com a palavra “ordem superior”.

Em Frankfurt, deram-se provas repetidas vezes de que a polícia não necessita de tais métodos; por isso, torna-se tão mais urgente obter informações sobre o motivo por que ela os utilizou em Berlim, sobre quem são os responsáveis e sobre como é a situação quanto à assim chamada “ordem”. No entanto, tudo isso é extrapolado pela impressão que tive do Sr. Kurras, quando ele apareceu na televisão. Ouvi ali uma frase como: “Sinto muito que um estudante tenha perdido a vida”.

Tom era inequivocamente contrariado, como se o Sr. Kurras tivesse extraído arduamente essas escassas palavras, como se não tivesse a sério consciência do que causou. A pobreza afetiva do “sinto muito” o denuncia tanto quanto o impessoal “um estudante tenha perdido a vida”. Isso soa como se, no dia 2 de junho, uma força objetiva superior tivesse se manifestado e não tivesse sido o Sr. Kurras,

intencionalmente ou não, quem apertou o gatilho. Tal linguagem é atterradoramente semelhante à que se ouve nos processos contra os estorvos dos campos de concentração. O Sr. Kurras não foi capaz de dizer simplesmente: “Eu estou triste por ter matado uma pessoa inocente”. A expressão “um estudante” em sua frase lembra aquele uso da palavra judeu que ainda hoje é feito nos processos e na opinião pública que relata sobre eles. Rebaixam-se vítimas a exemplares de um gênero.

Nenhuma consideração jurídica pode me levar a rescindir dessas outras. Uma resposta deveria ser exigida expressamente à pergunta de como se emprega em Berlim uma pessoa com a mentalidade do Sr. Kurras, colocando-o em uma situação que o encoraja a atuar à sua maneira.

Referência: Diskus. Frankfurter Studentenzeitung, November, Dezember 1967. [Band 20: Vermischte Schriften I/II: »Zum Freispruch des Polizeiobermeisters Kurras«. Theodor W. Adorno: Gesammelte Schriften]

Tradução Paulo Alves

EXERCÍCIOS

1. Qual o problema colocado pelo texto?
2. Explique por que o autor coloca esta questão?
3. A que outras teorias o autor se opõe
4. Qual a particularidade de um texto filosófico?
5. Que atitude se deve tomar diante do texto?

TEXTO 3

Contra as leis de emergência

Theodor W. Adorno

Discurso feito no evento “Democracia em estado de emergência”, em maio de 1968. Após a terceira leitura das leis de emergência, é permitido a um não jurista dizer algumas palavras com a consciência de que não se trata de uma questão jurídica, mas de uma questão social real e política. Apesar de em outros Estados existirem leis análogas, que de modo algum parecem mais humanas no papel, a situação na Alemanha é tão distinta, que daí não pode ser deduzida nenhuma justificativa de seu propósito. O que aconteceu no passado testemunha contra o

plano de leis – não só a Lei de Concessão de Plenos Poderes de 1933, mas já o artigo 48 da Constituição de Weimar. Esse artigo permitiu que a democracia fosse usada a favor das intenções autoritárias do Sr. Von Papen. Neste país, tais leis contêm em si tendências imediatamente repressivas, diferentemente do que ocorre, por exemplo, na Suíça, onde a democracia se arraigou de forma incomparavelmente mais substancial na vida do povo. Não é preciso estar acometido de histeria política, como alguns nos imputam, para temer aquilo que se avulta. O governo atual e seu antecessor têm tido uma postura diante da constituição que faz esperar certas coisas do futuro. No contexto do assim chamado escândalo da Spiegel,¹ o falecido chanceler falou de um terrível caso de traição à pátria, que depois no tribunal não se resolveu em nada. Do lado do governo, alguém chegou ao cinismo de declarar que os órgãos de defesa do Estado não poderiam andar por aí com a constituição debaixo do braço.

No meio disso, a expressão “um pouco fora da lei” se tornou parte daquelas piadas populares que não se pode fazer de forma irresponsável. Quem não fica desconfiado em face de essa tradição precisa cegar-se voluntariamente. As tendências restauradoras, ou como se queira chamá-las, não se tornaram mais fracas, mas sim mais fortes. Nossa República Federal nem sequer fez algo a sério contra o sequestro de pessoas que os agentes sul-coreanos cometeram. ² Somente um otimismo pérfido poderia esperar outra coisa das leis de emergência que não a continuação dessa tendência só porque essas leis são formuladas com toda cautela jurídico-estatal. Na língua inglesa há uma expressão que diz que as profecias incitam a própria realização. Assim funciona com o estado de emergência. É comendo que nasce o apetite. Se se sentem seguros para acobertar tudo com as leis de emergência, então logo encontrarão oportunidades para colocá-las em prática. A verdadeira razão pela qual se deve protestar severamente é que agora o esvaziamento da democracia até então paulatino ainda pode se tornar legalizado. Será tarde demais quando as leis permitirem desativar aquelas forças das quais se espera que possam evitar o abuso no futuro: o abuso não permitirá isso.

Devemos o mais publicamente possível nos opor às leis de emergência devido à suspeita de simpatia ao estado de emergência daqueles que a promulgam. A simpatia ao estado de emergência não é nenhum acaso, mas expressão de um traço social brutal. Portanto, a oposição a isso não deve arrefecer, mas sim se intensificar.

¹ Trata-se dos Spiegel-Affäre, que envolveu a perseguição de jornalistas da revista Der Spiegel, processados em 1962 por “traição à pátria”. (N. do T.)

² Adorno refere-se ao desaparecimento de 17 cidadãos sul-coreanos na Alemanha Ocidental pelo serviço de inteligência da Coreia do Sul. (N. do T.)

Tradução Felipe Catalani

EXERCÍCIOS

1 – Qual a finalidade exposta nesse discurso de Adorno?

2,¹ Na linha 15,16, o terno (...) “o falecido chanceler falou de um terrível caso de traição à pátria, que depois no tribunal não se resolveu em nada “ Qual tipo de traição se refere o chanceler ?

3 O que são Leis de Emergências no Estado democrático?

Textos referentes às obras de Paulo Freire.

TEXTO 4

Paulo Freire - Educação e liberdade

Excertos de um texto de Dóris Lessing Lúcio Fassarella São Mateus- ES, Julho de 2012.

"Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda."

Paulo Freire (educador brasileiro)

"O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo pelo qual a criança cresce para a vida intelectual daqueles que estão ao seu redor."

Lev Semyonovich Vygotsky (psicólogo russo)

Somos livres? Essa dúvida é legítima, embora possa parecer óbvio que a resposta deva ser positiva. Percebemos a pertinência da pergunta imediatamente ao tentar respondê-la, pois precisamos esclarecer antes o significado de liberdade - um conceito notável e já demasiadamente profundo...

Filosofia à parte, temos uma compreensão intuitiva do que é a liberdade e desejamos intensamente ser livres: liberdade é a autonomia da vontade, o poder de escolher ou decidir o próprio destino. Cabe a questão: Como promover a liberdade, especialmente numa sociedade complexa e ubiquamente regida por leis? A única

resposta plausível é a educação: a liberdade somente pode ser promovida educando o povo de modo a desenvolver a autonomia dos indivíduos e capacitá-los para perceber as estruturas sociais, compreender suas racionalidades e agir para modificá-las em direção à liberdade.

A educação libertadora é crítica e criativa - e não pode ser de outro modo. O conhecimento não basta: é necessário decidir o que conhecer em função de objetivos que são criados e devem ser criticados. O que pretendemos? Por que queremos uma coisa ao invés de outra? Como devemos alcançar nossos objetivos? Quais são as alternativas? O que é necessário saber para poder fazer...?

Educar é uma ação intrinsecamente sócio-política, eventualmente revolucionária. Numa sociedade democrática, a educação libertadora é um imperativo porque a liberdade é uma componente essencial da própria democracia. Geralmente, a qualidade da democracia de um país pode ser medida pelo caráter da sua política educacional oficial. Por isso, a educação é um campo natural de disputas ideológicas envolvendo os diversos segmentos sociais.

Existe ampla e original literatura sobre a relação entre educação e liberdade no Brasil. Entretanto, aqui pretendo apenas citar a opinião de Doris Lessing, escritora francesa do século XX com um importante obra sobre temas feministas. Os seguintes excertos foram extraídos do prefácio de seu livro *O Carnê Dourado* (publicado no Brasil pela Editora Record em 1972), onde ela analisa e critica a formação acadêmica de críticos literários. Impressionou-me bastante, quando os li pela primeira em torno do ano de 1999.

"Como na esfera política, ensina-se a criança que ela é livre, é uma democrata, dispondo de vontade própria e mente livre, morando num país livre, e podendo tomar suas próprias decisões. Ao mesmo tempo, ela é prisioneira das suposições e dos dogmas de sua época, que ela não questiona, porque nunca lhe disseram que eles existiam. Quando um jovem chega à idade em que precisa escolher (continuamos a aceitar sem discutir que a escolha é inevitável) entre as artes e as ciências, ele costuma escolher as artes porque julga que nesse campo há humanidade, liberdade e opção. Ele não sabe que já se emoldurou ao sistema, não sabe que a própria escolha é resultado de uma falsa dicotomia enraizada no coração de nossa cultura. Os que o percebem e que não querem submeter-se a mais padrões, tendem a ir embora, num esforço meio inconsciente e instintivo de encontrar trabalho onde eles, como pessoas, não serão divididos entre si mesmos.

Com todas as nossas instituições, que vão desde a polícia até a academia, desde a medicina até a política, prestamos pouca atenção às pessoas que se afastam, formando aquele processo de eliminação que prossegue sem cessar e que exclui, muito cedo, os que são originais e reformadores, deixando os atraídos para uma coisa que é isso que eles já são. Um jovem policial abandona a polícia porque afirma não gostar do que tem de fazer. Um jovem professor abandona o ensino e repele o seu idealismo. Este mecanismo social ocorre quase sem ser percebido, mas é uma força poderosa na manutenção rígida e opressiva de nossas instituições."

"Talvez não exista outra maneira de educar as pessoas. Possivelmente, mas não acredito. Nesse ínterim seria útil pelo menos descrever adequadamente as coisas, chamar as coisas por seus nomes corretos. Idealmente, o que se deveria dizer a toda criança, repetidamente, durante toda a vida escolar é algo mais ou menos assim: 'Você está no processo de ser doutrinado. Ainda não criamos um sistema de educação que não seja um sistema de doutrinação. Lamentamos, mas estamos fazendo o melhor que podemos. O que lhe estão ensinando aqui é um amálgama dos preconceitos atuais e das opções desta nossa cultura.

A consulta mais ligeira à história revelará que aqueles dois itens são temporários. Você está sendo ensinado por pessoas que conseguiram acomodar-se a um regime de pensamentos transmitido por seus predecessores. É um sistema auto perpetuador. Os que, dentre vocês, são mais vigorosos e individuais do que os demais serão incentivados a ir embora e a encontrar maneiras de se educar, educando seu próprio julgamento. Os que ficarem devem sempre lembrar, sempre, em todas as ocasiões, que estão sendo amoldados para se enquadrar nas tímidas e específicas necessidades desta determinada sociedade.'

" Doris Lessing, junho de 1971: Prefácio de "O Carnê Dourado". Editora Record, 2a. edição. Rio de Janeiro, 1972

EXERCÍCIOS

- 1 – Qual a particularidade deste texto filosófico?
- 2 - Que atitude é preciso adotar diante do texto?

5 OFICINAS

Nas oficinas as atividades práticas acontecem os treinamentos orientados às redações de textos com até 20 linhas, em formato dissertativo-argumentativas para o ENEM.

A redação é uma das etapas mais cruciais do exame e é de extrema importância para definir se o candidato conseguirá uma vaga no ensino superior. No dia da avaliação, o estudante será introduzido a um tema específico e a alguns textos motivadores que versam sobre o assunto. Essas referências servirão como parâmetro para a abordagem do conteúdo, que deve ser desenvolvido em formato dissertativo-argumentativo e apresentar proposta de intervenção na conclusão.

É importante que o aluno crie o hábito de escrever pelo menos um ou dois textos na semana até a data da prova. Além disso, é fundamental que a sua redação seja sempre corrigida de acordo com os critérios de avaliação do exame, que são:

- # domínio da norma-padrão da língua portuguesa;
- # compreensão do tema proposto e capacidade argumentativa;
- # organização dos argumentos de forma clara e lógica;
- # domínio de mecanismos linguísticos e recursos de coesão;
- # conclusão com propostas coerentes e que respeitem os Direitos Humanos.

É muito importante estar sempre atento aos temas atuais. Isso porque o Enem costuma cobrar temas relevantes e de grande impacto social. Em 2019, por exemplo, o assunto proposto foi “Democratização do acesso ao cinema no Brasil”. Em 2018, foi proposta a argumentação sobre “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet”. Para esse ano, as apostas de tema cercam o desafio da segurança pública no país, as novas relações de trabalho na era das tecnologias e o controle e o combate de epidemias no Brasil.

Exemplos:

1 - “O consumidor não é soberano, como a indústria cultural queria fazer crer; não é o seu sujeito, mas o seu objeto.” (Adorno)

Comentários.

O filósofo Theodor Adorno (1906-1969), da Escola de Frankfurt, teceu duras críticas ao que chamou de indústria cultural. Para ele, o sistema capitalista, através de sua indústria cultural, apropriou-se de formas de cultura para a produção de bens de consumo (produtos). Esses produtos possuem uma aparência de cultura, no

entanto, não passam de objetos consumíveis que visam o lucro e estimulam o mercado.

2 - “O homem é tão bem manipulado e ideologizado que até mesmo o seu lazer se torna uma extensão do trabalho.” (Adorno)

3 - “A arte necessita da filosofia, que a interpreta, para dizer o que ela não consegue dizer, conquanto só através da arte possa ser dito ao não ser dito.” (Adorno).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos compreender o conceito de iluminismo que prometia por meio racionais a libertação ou desconstrução do mito como instrumento da superstição e do medo, de Indústria Cultural na obra Dialética do esclarecimento no posicionamento de uma teoria social do conhecimento marcada pela crítica a sociedade de mercado ao progresso técnico, e a preocupação com o recrudescimento da violência em evitar a barbárie que será esquivada por meio da educação para a emancipação, como arma de resistência aos apelos mercadológicos. De acordo com este pressuposto, tudo se transforma em artigo de consumo.

Chegamos à conclusão de que no mercado, todas as manifestações teóricas encaminhadas para obtenção de lucros, são bem recebidas nas comunidades dos meios de produção. Na música popular, o pagode, o Samba, o funk, dobram-se ao peso da uniformização. Todas as vezes que certa fórmula se populariza, obtém êxito no consumo, a indústria a promove e repete sempre a mesma padronização.

Na Dialética do Esclarecimento, Max Horkheimer e Theodor W. Adorno tratam de compreender e criticar o projeto milenar de domínio da natureza no enredo da trama Odisseia de Homero, que narra as aventuras épicas de Ulisses com diversas referências aos mitos gregos, envolvendo o indivíduo e a história. O esclarecimento recai violentamente no estágio mitológico se entrelaçando um no outro. O mito, como tentativa de explicar a realidade e, de alguma forma nela interferir, é esclarecimento porque já tem em si o momento de previsão e cálculo. Da mesma forma, ao desencantar o mundo, o esclarecimento cai novamente no estágio mitológico, permanecendo preso à repetição e ao destino. A razão e a ciência procuram substituir o mito, mas reafirmam seu procedimento sacrificial em favor da

auto conservação do sujeito. Adorno e Horkheimer fazem uma crítica velada à indústria cultural e ao sistema capitalista de produção.

Os autores do iluminismo, Kant, e Descartes, inaugurou a modernidade ao colocar a razão e a ciência como elementos potenciais do desenvolvimento do progresso social e emancipação humana. Adorno e Horkheimer denunciam a estrutura de dominação política, as crises democráticas a ascensão de regimes autoritários Nazismo e Fascismo, criticando a indústria cultural como meios de comunicações por criarem necessidades de consumo de bens culturais, e ampliar a dominação do homem sobre o homem. Nesse contexto, a semiformação possui determinação social de formação na sociedade contemporânea capitalista, e gira em torno da escola de massa e dos elementos que são trabalhados pela indústria cultural, no processo de reprodução material. Apesar de toda informação que é apreendida, a semiformação possui o caráter de elemento dominante na formação cultural da sociedade.

Como intervenção filosófica em sala de aula, propomos leituras de textos filosóficos, com interpretação e respostas de questionários objetivos, relacionado com o texto, por localizarmos nas aulas presenciais, alunos com dificuldades ou problemas com a leitura e a escrita interpretativa. Por constatar que cerca de quarenta por cento das provas de redação do Enem, o tema dissertativo relaciona-se a filósofos e suas ideias. Os exercícios propostos nas oficinas ajudam na elaboração de uma boa redação.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005. (Coleção Os Pensadores). Antígona, 2015.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**, 2ª. Edição, 2001 Cortez Editora.
- BRUNNO Pucci, Pedro Goergen, Renato Franco **Dialética Negativa** (organizadores), Campinas – S.P, Ed. Alínea 2007.
- DORIS Lessing, junho de 1971: Prefácio de "O,0 Carnê Dourado". Editora Record, 2a. edição. Rio de Janeiro, 1970.
- ÉVELYNE, R. **Comentário de texto filosófico, série didática**. Curitiba, Editora UFPR, 2014.
- FILOSOFOS. **E perspectivas Educacionais: Dos Clássicos aos Contemporâneos** (organizadores) Ed. CRV, Curitiba 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1988.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 71 edição. Rio de Janeiro/São Paulo, Ed Paz e Terra, 2019.
- GALLO, S. **Metodologia do Ensino de Filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papyrus, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa: KANT, I. Resposta à Pergunta: 'O Que é Esclarecimento?'. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. In: LEÃO, C. (Org.). **Textos Seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974. [Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? 1784].
- KANT, I. Resposta à pergunta: Que é esclarecimento [Aufklärung]. **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 100-107.
- LOPES, F. R. A. de. Iluminismo ou Iluminismos? *Revista Vernáculo*, n. 27, 1º sem. 2011.
- MATOS, O. C. F. **A Escola de Frankfurt**: Luzes e Sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção Logos).

MENEZES, A. A. (Org.). **Formação, experiência e racionalidade**: contributos da teoria crítica da educação. Goiânia: Philos, 2018, p. 10-36.

PEREIRA, G. A. O legado de Frankfurt: contributos de uma formação crítica. *In*: PUCCI, B. **Teoria crítica e educação**: A questão da formação cultural na escola de Frankfurt. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1995.
Rudiger Safranski, Nietzsche: Biografia de uma Tragédia.

RODRIGO, L. M. Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.
Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001, p.36.

ZUIN, V.; SOARES ZUIN, A. A atualidade do conceito de semiformação e o renascimento da Bildung. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 3, p. 420-436, 19 dez. 2017.